

Referência Bibliográfica

AEBERSOLD, J.A & FIELDS, M.L. **From reader to reading teacher: issues and strategies for second language classrooms**. UK: CUP, 1997.

AGENCIA ESTADO. **75% dos brasileiros não sabem ler direito**.

Disponível em:

www.abtbr.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=277&Itemid=2. Acesso em 29 de maio de 2006.

AMORIM, M. **Ensinando leitura na sala de aula de Inglês: teoria e prática**. In: Taddei, E. (ed.) *Perspectivas: ensino da língua estrangeira*. RJ: SME, 1997.

ANDERS, P.; RICHARDSON, V.; TIDWELL, D.; LLOYD, C. **The relationship between teachers' beliefs and practices in reading comprehension instruction**. *American Educational Research Journal*, vol.28, no. 3 (Autumn), 559-586, 1991.

AZEVEDO, J.C. **País sem futuro**. Publicado no Jornal do Brasil em 27 de novembro de 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**. SP: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA GUEDES, M.G. **Espaços mentais, leitura e produção de resumo**. *Veredas*, vol.3, no. 1, Jan/Jun, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

BARCELOS, A. M.F. **Researching beliefs about SLA: a critical review.** In: Paula Kajala e Ana Maria Barcelos (Orgs). *Beliefs about SLA: new research approaches.* Netherlands: Kluwer, 2003.

BEATON, A.; NICHOLSON, S.; HALLIDAY, N.; THOMAS, K. **Think aloud protocols.** Disponível em: www.psy.gla.ac.uk/~steve/HCI/cscln/trail1/Lecture5.html. Acessado em 19 de março de 2006.

BORDIEU, P; CHARTIER, R. **A leitura: uma prática social.** In: Roger Chartier (org). *Práticas da Leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BRAIT, B. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.** In: Beth Brait (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.* Campinas: Unicamp, 1997

BRESSON, F. **A leitura e suas dificuldades.** In: Roger Chartier (org). *Práticas da Leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BROWN, G., & YULE, G. **Discourse analysis.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BRUNER, J. *A Cultura da Educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BURGESS, T. **Guide to design of questionnaires: a general introduction to the design of questionnaires for survey research.** UK: Leeds University, 2003. Disponível em: www.leeds.ac.uk/iss/documentation/yop/top2.pdf. Acesso em 03 de outubro de 2005.

CANDAU, V. et al. **Nas teias da globalização: cultura e educação.** In: Vera Maria Candau (Org.). *Sociedade, Educação e Cultura(s): Questões e propostas.* Vozes: RJ, 2002.

CHEN, P. **Requeriments.** Disponível em:

www.isr.uci.edu/~pchen/courses/125-W06/disc1-req.ppt. Acesso em 19 de março de 2006.

CHIAVEGATTO, V.C. **Gramática: uma perspectiva sociocognitiva.** In: V. C. Chiavegatto (Org.). *Pistas e Travessias II: bases para o estudo da gramática, da cognição e da interação.* Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.131-212, 2002.

CHIMOMBO, M.; ROSEBERRY, R. **The Power of Discourse.** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

COLLELO, S. (s/d). **Alfabetização e Letramento: Repensando o ensino da língua escrita.** Disponível em: www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm
Acesso em 20 de fevereiro de 2006.

_____. **A pedagogia da exclusão no ensino da língua escrita.**
Disponível em: www.hottopos.com/videtur23/silvia.htm. Acesso em 20 de fevereiro de 2006.

COPE, B; KALANTZIS, M. **Putting “Multiliteracies” to the test.** Australian Literacy Educator’s Association. 2001. Disponível em: <http://www.alea.edu.au/multilit.htm>. Acesso em 15 de junho de 2006.

CORACINI, M.J. **Leitura: decodificação, processo discursivo...?** In: Maria José Coracini (Org.). *O jogo discursivo na sala de aula.* Campinas: Pontes, 1995.

DARTON, R. **A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII.** In: Roger Chartier (Org). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DE MASI, D. **Entrevista Especial com Domenico De Masi.** Disponível em: www.nova-e.inf.br/exclusivas/domenicodemasi.htm .Acesso em 07 de maio de 2006.

DENZIN, N. ; LINCOLN, Y. (Orgs.) **The Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks, CA, Londres: Sage, 2002.

DESCARDECI, M. A. S. **Pedagogia e Letramento: questões para o ensino da Língua materna** (2002). Disponível em: www.boaaula.com.br/iolanda/producao/mestradoeducacao/pubonline/descardeciart.html Acesso em 20 de fevereiro de 2006.

DUFVA, H. **Beliefs in dialogue: a Bakhtinian view.** In: Paula Kalaja e Ana Maria Barcelos (Orgs). *Beliefs About SLA: new research approach.* Netherlands: Kluwer Academic Publisher, 2003.

ELLIS, R. **The study of second language acquisition.** Oxford:OUP, 2003.

FARACO, C.A. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin.** Curitiba: Criar, 2003.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language.** New York: CUP, 1997.

_____. **Mental spaces.** New York: CUP, 1994.

FERNANDES, F. **Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa.** SP: Globo, 1990.

FILLMORE, C. **Frame Semantics**. In Linguistic Society of Korea (Org) *Linguistics in the Morning Calm*, Seoul: Hashin, 1982.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Aluno brasileiro tem dificuldade para ler**. Publicado em 31/07/2003.

FOLHA ON-LINE. **MEC discute a volta do “vovô viu a uva”**. Publicado em 14 de fevereiro de 2006. Disponível em:
www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18359.shtml_ Acesso em 14 de fevereiro de 2006.

FONTANA, A.; FREY, J. **The Interview: from structured questions to negotiated text**. In Norman Denzin e Yvonna Lincoln (Orgs). *Handbook of Qualitative Research*. Londres: Sage, 645-671, 2002.

FRARY, R. B. **Hints for designing effective questionnaires**. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 5(3), 1996. Disponível em:
<http://PAREonline.net/getvn.asp?v=5&n=3> . Acesso em 03 de outubro de 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1998.

_____. **A importância do ato de ler**. SP: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, M.T.A. **Vygotsky e Bakhtin: um diálogo**. In: *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação: um intertexto*. SP: Ática, cap.6, 1995.

GAZETA DO SUL. **Se são tão importantes, por que tão poucos?**
 Disponível em:
http://gazeta.via.com.Br/default.php?arquivo=_noticia.php&intIdConteudo=51273&intIdEdicao=812. Acesso em 01 de abril de 2006.

GOODMAN, K. **Reading: A psycholinguistic guesing game.** Journal of the Reading Specialist, vol. 06, 126-135, 1967.

GRAYLING, A.C. **Wittgenstein: a very short introduction.** NY: Oxford, 1996.

GUBA, E.G. and LINCOLN, Y.S. **Effective evaluation: improving the usefulness of evaluation results through responsive and naturalistic approaches.** California: Jossey –Bass Publishers, 1981.

GUEDES-PINTO, A. L. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais.** Tese de doutorado: UNICAMP, 2000.

HACKER, P.M.S. **Wittgenstein.** SP: Unesp, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold, 1997.

HÉBRARD, J. **O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?** In: Roger Chartier (org). *Práticas da Leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HYMES, D. **On Communicative Competence.** In: Brumfit, J e Johnson, K. *The Communicative Approach to Language Teaching.* Oxford: OUP, 1979.

IBGE. **Tabela de Educação. Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio 1998/2003.** Disponível em:
www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/educacao_tabela01.htm. Acesso em 20 de fevereiro de 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **PISA 2000: relatório nacional**, dezembro de 2001.

Disponível em :

www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf. Acesso em 01 de março de 2006.

_____. **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb)**. Resultados de 2001 e 2005. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/saeb>. Acesso em 12 de fevereiro de 2006.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO/AÇÃO EDUCATIVA. **5º. Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional: um diagnóstico para a inclusão social pela educação (INAF)**. Avaliação de Leitura e Escrita.SP, 2005. Disponível em: www.acaoeducativa.org.br/downloads/inaf05.pdf

JOHNSON, M. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

JÜNGER, C. **Leitura e ensino de espanhol como língua estrangeira: um enfoque discursivo**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002. Tese de Doutorado (inédita).

KALAJA, P. **Research on students' belief about SLA within a discursive approach**. In: Paula Kalaja e Ana Maria Barcelos (Orgs). *Beliefs About SLA: new research approach*. Netherlands: Kluwer Academic Publisher, 2003.

KALAJA, P.; BARCELOS, A.M.F. **Beliefs about SLA: new research approaches**. Netherlands: Kluwer, 2003.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. SP: Pontes, 2001.

_____. **Letramento e Formação do Professor**. SP: Mercado das Letras, 2005.

_____. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. SP: Pontes, 2004.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. SP: Pontes, 2004.

KUDIES, E. **As crenças e os sistemas de crenças do professor de Inglês sobre o ensino e a aprendizagem da língua estrangeira no sul do Brasil: sistemas, origens e mudanças**. *Linguagem & Ensino*, Vol. 8, No. 2, 2005 (39-96)

KUJAWSKI, G.de M. **A sociedade do lazer e seu profeta**. Disponível em: www.ime.usp.br/~is/ddt/mac333/aulas/DdMasi.html. Acesso em 07 de maio de 2006.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LEITE, E. F. O; SALIÉS, T. **Crenças: um portal para o entendimento de prática de uma professora de inglês**. Dissertação de Mestrado (inédita), PUC-Rio, 2003.

LENCASTRE, L. **Leitura: a compreensão de textos**. Portugal: Fundação Calouste Gulbekian, 2003.

LOPES, M.; BARREIRA, A E GOMES, G. **La real gana Del voluntariado**. In: Tânia Saliés (Org). *Oficina de Inglês Instrumental: planejamento e elaboração de material* (CD-rom). IPEL/PUC-Rio, 2004.

LOPES, M; GEORGINI, N; BARREIRA, A. **A Leitura Como Instrumento de Inclusão Social**. Pôster apresentado no XIV Evento de Prática Pedagógica da PUC-RJ, Julho, 2003.

LOPES, M. **Leitura e Identidade: como os professores entendem o processo de leitura?** Seminário apresentado no XV INPLA, LAEL, PUC-SP, 2005 .

LYONS, J. **Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução**. RJ: LTC, 1987.

MADEIRA, F. **Crenças de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa**. *Linguagem & Ensino*, Vol. 8, No. 2, p. 17-38, 2005.

MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997.

MARCONDES, D. **Filosofia, linguagem e Comunicação**. SP: Cortez, 2002.

MARQUES, M. F; SALIÉS, T. **Dando voz aos aprendizes sobre a validade do ensino de língua estrangeira na escola pública: aplicações e implicações pedagógicas**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. PUC-Rio, 2003. Disponível em recurso eletrônico: http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0115428_03_Indice.html

MEC/SE. **Parâmetros Curriculares Nacional: ensino médio**. Secretaria de Ensino Médio, Brasília: MEC/SE, 1998.

MARTINS, M. **Sobre os fundamentos teóricos da Lingüística Cognitiva.** Aula ministrada no curso “Evolução do Pensamento Lingüístico” do Programa de Mestrado do Departamento de Letras da PUC-Rio. Junho de 2006.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível.** SP: Ática, 2004.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Lingüística Aplicada.** Campinas: Mercado das Letras, 2005.

MORAIS, M. **A reconstrução do processo de leitura: uma abordagem ecológica.** In: Tânia Saliés e Tânia Shepherd (Orgs). *Linguagem: teoria, análise e aplicações.* RJ: Publit/ UERJ, 2005.

MORENO, A.R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem.** SP: Moderna, 2000.

NOVA ESCOLA. **O papel positivo do homem na educação das crianças.**

Disponível em:

http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0183/aberto/mt_75009.shtml.

Acesso em 03 de abril de 2006.

NUNES, M. **O professor em sala de aula de leitura: desafio, opções, encontros e desencontros.** Tese de doutoramento em Lingüística Aplicada. (mimeo) São Paulo: PUC, 2000.

_____. **Teaching reading and designing materials in mixed-ability classes.** In Taddei, E (Org.) *Perspectivas: O ensino da língua estrangeira.* SME, RJ, 1997.

O GLOBO. **Perdido entre letras.** Publicado em 13 de dezembro de 2005.

PARAN, A. **Bottom-up and top-down processing**. English Teaching Professional, vol. 3, Abril, Londres, 1997. Disponível em: www.reading.ac.uk/app_ling/buptdown.htm. Acesso em 01 de março de 2006.

PATTON, M.Q. **Qualitative evaluation and research methods**. London: Sage Publications, 2nd edition, 1990.

PÉCORA, A. **O campo das práticas da leitura, segundo Chartier**. In: Roger Chartier (org). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

RAMOS, A.P.M. **Esquemas-imagéticos e o processo de mesclagem no gênero “tirinha”**. In: Tânia Saliés e Tânia Shepherd (Orgs). *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. RJ: Publit/ UERJ, 2005.

RIBEIRO, V.M. **Uma perspectiva para o estudo do letramento: lições de um processo em curso**. In: A B. Kleiman e M.L.M Matêncio (Orgs). *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construções do saber*. SP: Mercado das Letras, 2005.

RICHARDSON, L. **Writing a method of inquiry**. In N.K.Denzin and Y.S.Lincoln (Orgs). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, p.923-944, 1994.

ROJO, R. **Alfabetização e Letramento**. SP: Mercado de Letras, 2005.

SAEED, J. **Semantics**. UK: Blackwell Publishers, 1997.

SAINSBURY, M. **Thinking aloud: children's interactions with text**. Reading, Blackwell Publishing, November, p.131-135, 2003.

SALIÉS, T. **Learning strategies of students of English as a foreign language: the case study of Brazil.** Unpublished Master Dissertation. Oklahoma State University, 1994.

SALIM, N. **Domínios Conceptuais e Projeções entre Domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais.** In: *Veredas – revista de estudos Lingüísticos*. UFJF, vol.3, no. 1, Jan-Jun, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

SALLES, J; PARENTE, M.^a A. **Compreensão textual em alunos de segunda e terceira séries: uma abordagem cognitiva.** *Estudos de Psicologia*, vol. 9, no. 1, Natal: UFRN, p. 71-80, 2004.

SALOMÃO, M. M. M. **Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem.** In: *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos*. UFJF, vol. 3, no. 1, Jul-Dez, p.61-79, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida.** SP: Companhia das Letras, 2001.

SARDINHA, B. **Padrões Lexicais e Colocações do Português.** LAEL, PUC/SP, 1999. Disponível em:
http://www2.lael.pucsp.br/~tony/1999padroes_inpla.pdf. Acesso em 15 de novembro de 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** SP: Cultrix, 2002.

SCHOLZE, L. **Letramento e Desenvolvimento Nacional.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004.

SCOTT, S. **Researching shyness: a contradiction in terms?** *Qualitative*

Research, London: Sage Publications, vol.4,p.91-105, 2004.

_____. **Teaching trivial pursuits: a review of three qualitative research methods.** *Qualitative Research*, London: Sage Publications, vol.4, p. 419-428, 2004.

SHIRO, M. **Inferences in discourse comprehension.** In: Malcolm Coulthard. *Advances in textual analysis*. Routledge, 1994.

SILVA, E. **Reflexões acerca do letramento: origem, contexto histórico e características.** Disponível em: www.cereja.org.br/pdf/20041105_Elson.pdf . Acesso em 20 de fevereiro de 2006.

SOARES, M. B. **O que é Letramento?**_Diário do Grande ABC. 29 de agosto de 2003. Disponível em: [www. Diarionaescola.com.Br/29se08.pdf](http://www.Diarionaescola.com.Br/29se08.pdf)

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** GTDE Alfabetização, Leitura e Escrita durante a 26^a.reunião Anual da ANPED, realizada em Poços de Caldas de 5 a 8 de outubro de 2003. Disponível em: www.anped.org.br/26/outrostextos/semagdasoares.doc

SOMMER, L; SALIÉS, T. **Além da ponta do iceberg: o papel das orações subordinadas substantivas na projeção de verdades e opiniões no discurso editorial – uma proposta funcional cognitiva.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Letas, PUC-Rio, 2004. Disponível em recurso eletrônico:

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0210373_04_Indice.html

STANOVICH, K & CUNNINGHAM, A.**What reading does for the mind.** In: *American Educator/American Federation of Teachers*; summer/spring, 1998. Disponível em:

http://www.aft.org/pubsreports/american_educator/spring_sum98/cunningham.pdf. Acesso em 01 de fevereiro de 2006.

TURNER, M. **The literary mind**. USA: OUP, 1996.

VAN DIJK, T. **Cognição, discurso e interação**. SP: Contexto, 2002.

VAN DIJK, TEUN A. **Opinions and Ideologies in Editorials**. In *4th International of Critical Discourse Analysis: Language, Social Life and Critical Thought*. Atenas, 14 a 16 de dezembro, 1995. Segunda versão: Março, 1996.

VAN SOMEREN et al. **The think aloud method: a practical guide to modelling cognitive processes**. London: Academic Press, 1994.

VEJA. O grito dos excluídos. Edição 308, Abril, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. SP: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Formação Social da Mente**. SP: Martins Fontes, 2003.

WALSH, B; SALIÉS, T. **O papel da primeira língua no desenvolvimento da escrita em segunda língua: uma investigação das ações pedagógicas e crenças de um grupo de aprendizes na sala de inglês para fins acadêmicos**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 2006. Disponível em recurso eletrônico: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0410469_06_Indice.html

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. NJ: Macmillan, 1958.

WOODS, D. **Teacher Cognition in Language Teaching: beliefs, decision-making and classroom practice.** Cambridge, CUP, 1996.

YUNES, E. **Pensar a leitura: complexidades.** SP: Loyola; RJ:PUC-Rio, 2002.

La real gana: ética del voluntariado

Adela Cortina. EL PAÍS | Opinión - 27-02-2001

Uno de los experimentos más frustrantes que pueden hacerse en esta vida consiste en preguntar a otros, y preguntarse, por el significado de las palabras más corrientes. Pregunte usted, y pregúntese, qué significan -por ejemplo- cosas tan de actualidad y tan relacionadas entre sí como ética, voluntariado, ONG, felicidad, justicia, y se encontrará con el más absoluto desconcierto. 'Las cuestiones de palabras -decía un querido profesor mío- son solemnes cuestiones de cosas', y por eso conviene aclararlas, no sea que nos estemos jugando algo muy serio.

En lo que hace a la *ética*, tiene que ver con el *êthos*, con el *carácter* que necesariamente nos forjamos las personas, las organizaciones y los pueblos, ya que no nacemos hechos, sino por hacer. Y, claro está, importa forjarse un buen carácter, uno que nos prepare para vivir bien, y no lo contrario. Pero, ¿qué es un buen carácter?

A lo largo de la historia, dos candidatas se han ido ofreciendo como orientaciones para forjarlo, *felicidad* y *justicia*, dos aspiraciones que han alimentado utopías, revoluciones, sueños. Que los seres humanos desean ser felices es cosa sabida, pero no lo es menos que las instituciones deben intentar ser justas, si quieren ser legítimas, que una sociedad es perversa si no aspira a la justicia. Habida cuenta de que los proyectos de felicidad son muy personales, parece que no compete a las sociedades elegirlos, sino a las personas, mientras que es tarea de las sociedades sentar unas bases de justicia tales que las personas puedan proyectar su felicidad como bien les parezca, con tal de que no pongan en peligro la de los demás.

Ciertamente, no resulta fácil aclarar qué es lo justo más allá de la añeja caracterización según la cual lo justo consiste en dar a cada uno lo que le corresponde. Pero no es menos cierto que a la altura de nuestro tiempo la idea de justicia se ha dotado de contenidos ampliamente aceptados, que se expresan sobre todo a través del lenguaje de los derechos humanos; derechos a los que sin duda corresponden deberes cuya titularidad es a menudo difícil de determinar. Atentar contra los derechos humanos, privar de la vida, las libertades, el ingreso básico, la educación, la sanidad, la vivienda, el trabajo, las prestaciones en tiempos de debilidad, es caer bajo mínimos de justicia, bajo mínimos de humanidad. Así, sin paliativos ni especulaciones.

Sin embargo, sucede que al hilo del tiempo las utopías de la justicia han entrado en conflicto reiteradamente con las de la felicidad; sucede que, como en las leyendas medievales, topamos los viajeros con encrucijadas en las que es preciso optar por uno de ambos caminos (lo justo, lo felicitante), como si fuera imposible convertirlos en uno solo. Averiguar cuál sea la causa de estos dilemas, que tanto gustan a los norteamericanos, no es tarea fácil, pero vamos a permitirnos aventurar una hipótesis, que es todo menos descabellada: la felicidad se ha ido reduciendo a *bienestar*. Nos hemos hecho muy modestos en nuestras aspiraciones y ya no soñamos con la felicidad (eso son 'palabras mayores'), sino, a lo sumo y en el más ambicioso de los casos, con la calidad de vida, con un prudente estar bien, al que se le hace muy cuesta arriba preocuparse por la justicia.

'*El que estiga bé, que no es menege*', decimos en mi tierra como obviedad aplastante. ¿Por qué habría de moverse el que está bien? Deberían moverse, según el dicho, los que están mal y por eso pasan el Estrecho, cruzan el Atlántico, los lesionados por el asesinato de sus seres queridos a manos del terrorismo, los que padecen hambre, enfermedad evitable, desconsuelo o sinsentido. Desde la sabiduría de '*el que estiga bé*' son sólo ellos los que han de moverse, los que han de presionar, sin cómplices, sin más compañeros de viaje que los también sufrientes, en una humanidad escindida entre los '*bienestantes*' y el resto. ¿Quién debe ocuparse de los '*malestantes*'?

Aquí aparece una de esas cómodas divisiones del trabajo en sectores sociales, *tres* en este caso, que resultan tan apropiadas para manuales y charlas. El primer sector, el del poder *político*, debería ocuparse de defender los derechos humanos y los restantes compromisos de los Estados, que componen cuestiones básicas de justicia. Para lograrlo, debería recordar aquella noción aristotélica de la política, según la cual los hombres están dotados de palabra y, por lo tanto, pueden deliberar conjuntamente acerca de lo justo y lo injusto, lo bueno y lo malo para el bien común, y en eso consiste la comunidad política, más que en la conquista y conservación del poder a todo trance. Por otra parte, puesto que el reconocimiento de derechos es universal, no sólo los Estados, sino también las unidades políticas transnacionales e internacionales tienen legitimidad únicamente si se comprometen de ese modo en la defensa de esas exigencias básicas de justicia.

El segundo sector, el de la *economía* (el '*mercado*'), está compuesto por las entidades que desarrollan actividades con ánimo de lucro y son controladas por propietarios privados o públicos. Curiosamente, suele entenderse que este sector está exento de toda responsabilidad que no sea la de 'generar riqueza', como si no importara la forma en que la produce, como si no fuera tarea suya producirla aumentando la libertad de todos y cada uno de los seres humanos, que es lo que exige una economía situada en el comienzo del tercer milenio y, por lo tanto, legitimada en su actividad sólo si promueve el marco de justicia en que se encuentra inscrita. El mercado no es sólo un mecanismo, sino una actividad institucionalizada, sujeta a las exigencias de justicia de su tiempo.

Por último, entra en liza el tercer sector, también llamado '*sector social*', '*sector independiente*', o '*sector privado no lucrativo*'. Es, por el momento, un cierto cajón de sastre en el que se incluyen las entidades que se caracterizan por no ser gubernamentales ni perseguir fines lucrativos. Al no entrar propiamente ni en el campo del derecho público ni en el del privado, se les acaba definiendo de forma negativa, indicando que ni son gubernamentales ('ONG') ni son lucrativas ('non profit', o 'sin afán de lucro', por decirlo en román paladino).

Pero caracterizar las cosas por lo que no son no sólo revela una aplastante falta de imaginación, sino también una innegable falta de identidad por parte de lo así nombrado, que no produce sino confusión. Como se ha dicho en ocasiones, a este tercer sector pertenecen las hermanitas de la Caridad y el Ku-Klux-Klan, las fundaciones de las grandes entidades bancarias y las asociaciones de ayuda al Tercer Mundo. De ahí que vaya siendo tiempo de *caracterizar positivamente* a las organizaciones del tercer sector que componen el mundo del voluntariado por *lo que son* y por *lo que se proponen*, como '*organizaciones solidarias*', que apuestan por la solidaridad no por coacción, no por afán de lucro o de imagen, sino por algo tan castizo como que *les da la real gana*. Por sobreabundancia del corazón, porque no conciben su felicidad como bienestar, sino como una '*palabra mayor*' que no puede pronunciarse si no es a través de la realización de la justicia; a través -yendo aún más lejos- de la satisfacción de aquellas necesidades humanas que nunca podrá reclamarse como un derecho y a la que nunca corresponderá un deber.

Desde la indignación ante la injusticia com-padecida, desde el co-sufrimiento con los maltratados, la lógica de '*el que estiga bé*' se hace pedazos y queda en estupidez palmaria, en inhumanidad manifiesta.

Proponer proyectos concretos de felicidad que incluyan como innegociable la justicia, recordar a la política y la economía las metas por las que cobran legitimidad, sacar a la luz situaciones de marginación y salirles al paso desde la real gana es -a mi juicio- la gran tarea del voluntariado. Pero también lo es satisfacer esas necesidades de esperanza, de consuelo, de ternura, de sentido, que nunca podrán reclamarse como un derecho ('para eso pago impuestos'), nunca podrán satisfacerse con un deber. Amén de los deberes existen las obligaciones, las apuestas de quienes se sienten obligados a otros porque se sienten ligados y no pueden concebir su felicidad sino con ellos.

© El País S.L. | Adela Cortina, Directora de la Fundación ÉTNOR

Artículo publicado en el sitio web de ÉTNOR con autorización expresa de El País, S.L.: <http://www.etnor.org>

URL original: http://www.elpais.es/articulo.html?xref=20010227elpepiopi_14&type=Tes&anchor=elpepiopi&d_date=20010227

Anexo 2

1. As cores do pôster te passaram alguma mensagem?

() Sim. Vá para pergunta de número 2.

() Não. Vá para pergunta de número 3.

2. A mensagem das cores foi:

() positiva

() negativa

() negativa para positiva

() positiva para negativa

3. A partir da leitura do título do pôster, você esperava encontrar uma abordagem:

() positiva

() negativa

() negativa para positiva

() positiva para negativa

4. O subtítulo “ O grito dos Excluídos” te ajudou a:

() reforçar a idéia que você tinha do texto

() construir uma imagem positiva

() construir uma imagem negativa

5. Após ver as fotos, sua opinião mudou?

() Sim. Vá para a questão 6.

() Não. Vá para a questão 7.

6. Como sua opinião mudou?

7. Lendo o texto, suas idéias foram confirmadas?

() Sim

() Não.

8. Como?

9. Você acredita que seu conhecimento de mundo e suas experiências ajudaram na compreensão do texto?

() Sim. Como?

() Não.

10. A partir da proposta deste pôster, você acha possível pensar em inclusão social através da leitura?

() Não.

() Sim. Por que?

Anexo 3

O que é leitura?

1. Ler é:

- interação entre leitor e autor através do texto.
- descobrir o significado que está na mente do leitor.
- interação entre leitor e texto.
- achar significado no texto.

2. O ato de ler é uma tarefa:

- perceptiva e mecânica centrada no processamento gráfico.
- cognitiva centrada nas contribuições do leitor.
- cognitiva e receptiva centrada na interação texto/leitor.
- cognitiva, receptiva e social centrada na interação leitor/autor.

3. Você acredita que leitura é uma prática:

- ativa (dinâmica e conjunta)
- passiva (parada e individual)

4. No processo de leitura você acredita que:

todo processo de compreensão é dependente do texto, i.e. se não sabemos algumas palavras não conseguiremos entender o texto.

todo o processo de compreensão é dependente do texto, i.e. não precisamos nos preocupar com as idéias do texto, nossas idéias são mais importantes.

o processo de compreensão está concatenado com o texto em si e as nossas idéias, i.e. mesmo não entendendo todas as palavras, podemos tentar compreender o texto unindo nossas idéias posteriores às idéias do texto.

o processo de compreensão está na possibilidade de entendimento da realidade sócio-histórica do autor, do texto e do leitor, i.e. há um autor que expõe suas ideologias de forma direta ou indireta, o leitor que também traz suas ideologias e o texto como ponto de encontro para confrontar as idéias do autor, do texto e do leitor.

Anexo 4



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
 Dissertação: Leitura e Crenças – Como os professores de hoje entendem o processo de leitura?
 Orientanda: Marcia Oliveira Maciel Lopes
 Orientadora: Profa. Tânia Mara Gastão Saliés, Ph.D

O que é leitura?

1. Ler é:

- () descobrir o significado na mente do leitor.
- () interação entre leitor, autor e texto.
- () interação entre leitor e texto.
- () descobrir o significado no texto
- () interação entre leitor, autor e contexto.

2. O ato de ler é uma tarefa:

- () cognitiva, receptiva e social centrada na interação leitor/autor/contexto.
- () perceptiva e mecânica centrada no processamento gráfico.
- () cognitiva centrada nas contribuições do leitor.
- () cognitiva e receptiva centrada na interação texto/leitor.
- () cognitiva, receptiva e social centrada na interação leitor/autor.

3. Você acredita que leitura é uma prática:

- () passiva (silenciosa e individual)
- () ativa e passiva
- () ativa (dinâmica e conjunta)

4. No processo de leitura você acredita que todo o processo de compreensão é:

- () concatenar o texto em si com nossas idéias, i.e., mesmo não entendendo todas as palavras, podemos compreender o texto unindo nossas idéias às idéias do texto.
- () independente do texto, i.e., não precisamos nos preocupar com as idéias do texto pois, nossas idéias são as mais importantes; o texto tem pouco a acrescentar.
- () dependente do texto, i.e., se não sabemos algumas palavras não conseguimos entender o texto e, conseqüentemente, não compreendemos o texto.
- () o entendimento da realidade sócio-histórica do autor, do texto e do leitor, i.e., há ideologias do autor e do leitor onde o texto é ponto de encontro/confronto entre as idéias do autor, do texto, do leitor e das idéias que se encontram ativas no contexto.

Dados Pessoais:

Nome: _____ Idade: _____ Tempo no Magistério: _____

Formação Acadêmica: _____

Grupo com que trabalha? () Alfabetização () 1^a. à 4^a. série () Ensino Médio

e-mail: _____

Estaria disponível para uma futura entrevista?

Anexo 5

Protocolo Falado(anotações): Clara

a) Título:

Educação , O grito dos excluídos, oportunidade, nível de vida, competição

b) Foto:

Meio ambiente, o homem com o seu egoísmo, prioridade as coisas materiais

c) Gráfico:

Estão preocupados com a biodiversidade

d) Corpo: Aí, isso que eu falei. Quando falei de educação, o homem excluído. Ele excluído prejudica o meio. Falta de educação, de informação.

Protocolo Falado (anotações): Maria

a) Título: excluído da parte social. Sofre discriminação

b) Foto: animais em extinção, talvez?

c) Gráfico: Também, continua os animais.

d) Corpo: Confirma. Falei de pessoas e depois de animais

Protocolo Falado (anotações): Greici

a) Título: Todos tem a sua vez.

b) Foto: Existem diferenças.

c) Gráfico: Às vezes, ficamos fora da realidade.

d) Corpo: Como tem tanto espaço e nunca estamos preenchendo. Uma área enorme e 12% das espécies fora. A metade vive no Brasil. O Brasil é atrasado. Igual a escola = excluídos.

Protocolo Falado (anotações): Cibele

a) Título: Você quer que eu fale uma frase? Dois aspectos: quem esta ouvindo? Quem esta gritando? O grito de quem já sofreu discriminação ou sentimento de não pertencer. Como se fosse um basta. Uma solução. Buscando uma solução.

b) Foto: Tenho que reorganizar. Eles fazem parte da natureza e de alguma maneira são excluídos....Não conheço esta espécie de tartaruga...

c) Gráfico: O que é alarmante é que a medida q estes animais - vou falar a minha visão, como minha crença – foram criados com um propósito. A partir do momento que o homem não consegue conviver com essas diferenças, ele destrói o meio ambiente e põe em risco outros seres que fazem parte da cadeia. O homem não tá sabendo lidar com isso.

d) Corpo: De modo geral, sim. Sem imagem, o homem fala de educação – alunos você exclui ou a sociedade ou com problemas. Com a imagem....quase não se vê morcego nesta região. Não entendi... ameaça – excluídos – espécies ameaçadas e fora da área de conservação.

Protocolo Falado: Rachel

- 01 *Pesquisadora* Vamos lá. Quero que você tente fazer, na verdade, é você falar tudo que
02 você está pensando conforme você for vendo nas coisas que eu vou te
03 mostrando, ta? Tipo você vai ver o título, depois você vai ver as imagens,
04 tentar me mostrar como isso está funcionando na sua cabeça. Quer dizer,
05 que ligação você faz entre uma coisa e outra.
- 06 *Rachel* Você vai abrir o título depois você vai abrir asTa.
- 07 *Pesquisadora* Você me diz o que vem na sua cabeça ta. Sabendo que isso aqui faz parte
08 de um texto. Foi tirado da Época...O título é esse "O livro dos Excluídos" o
09 que é que você que vai estar encontrando nessa parte do texto.
- 10 *Rachel* Se é o grito dos Excluídos, pra mim, é as pessoas que não estão fazendo
11 parte da sociedade atual né? Ou na questão do papel na sociedade ou na
12 questão de cidadãos de... talvez relacionado à fome, à miséria acho
13 que pode ser por aí.
- 14 *Pesquisadora* (Mostra a figura)
- 15 *Rachel* Aí me veio outra imagem na minha cabeça, né, que a gente fica muito
16 presa ao que está acontecendo no país e na verdade é o meio ambiente
17 faz parte deste país e que estão excluindo mesmo e que estão devastando
18 a mata, né, essa questão toda, sumindo com as tartarugas e esse bichinho
19 que eu não sei qual é..
- 20 *Pesquisadora* Você - qual é assim? Que conexão você faz entre o grito dos excluídos é
21 demais o que é que como vê que você isso de trabalhar o meio ambiente.
22 Você viu os bichinhos agora você chegou, quer dizer, chegou à conclusão
23 de que seria um texto sobre a questão do meio ambiente e os bichinhos
24 estão sumindo, estão em extinção?
- 25 *Rachel* Exatamente, porque está ali os excluídos, aí primeiro levei parte social
26 quando vi os bichinhos, os bichinhos estão se acabando, as pessoas estão
27 acabando com eles né, estão em extinção, né, e quando vejo a tartaruga
28 né, é um dos bichinhos que mais tem se mostrado, né, tem significância
29 nesse sentido, né, que está sumindo.
- 30 *Pesquisadora* Aqui é o gráfico que acompanha o texto, né.
- 31 *Rachel* Número de espécies em perigo. Aí, você quer o quê?
- 32 *Pesquisadora* Você confirma agora tudo o que você pensou? Que associação você faz
33 agora entre o Grito dos Excluídos com a imagem?
- 34 *Rachel* Sim, agora sim, porque o Gritos dos Excluídos vendo depois as imagens e
35 vendo o gráfico justamente as espécies, né, estão ficando fora, que estão
36 ameaçadas, oh! Estado crítico, vulneráveis a coisa é muito mais crítica até
37 do que a gente pode imaginar. Isso aqui.
- 38 *Pesquisadora* Não vou pedir que você leia não, ta? É só pra confirmar.
- 39 *Rachel* Também espero. Não enxergo.
- 40 *Pesquisadora* Só pra confirmar isto aqui, o texto todo está atrás é uma pesquisa
41 divulgada recentemente apontou uma nova categoria de animais que
42 inspiram cuidados dos ambientalistas são os excluídos, aí o texto vai falar
43 sobre isso
- 44 *Rachel* Ta.
- 45 *Pesquisadora* Você acha que o texto realmente vai tratar sobre o assunto, vai tratar

Protocolo Falado: José

- 01 *Pesquisadora* Este é o título.
- 02 *José* Certo.Você quer que eu fale sobre isso?
- 03 *Pesquisadora* O que é que você pensa?
- 04 *José* Eu penso na manifestação daqueles que não se sentem parte da
05 sociedade da... da... marginais, né.
- 06 *Pesquisadora* O que é que te levou a pensar nisso?
- 07 *José* Porque. Bom grito de algum modo Protesto e excluídos é que está fora
08 do "status quo", né.
- 09 *Pesquisadora* Essas são as imagens que acompanhavam o título que fazem parte do
10 texto.
- 11 *José* Hum...
- 12 *Pesquisadora* Como é que você relacionaria as imagens com o título?
- 13 *José* Agora eu fico, bem tentando imaginar que tais bichos são marginais,
14 na medida em que eles não são estimados pelos homens, ou seja, não fazem
15 parte do grupo de animais que são chamados de estimação.
- 16 *Pesquisadora* Esse é o gráfico que acompanha, acompanha o texto.
- 17 *José* Certo.
- 18 *Pesquisadora* O que é que você, que é que acontece agora? Você confirma o que
19 você tinha pensado ou você tem reorganizar seu pensamento?
- 20 *José* Agora? Claro que tenho que reorganizar porque agora está deixando claro que
21 são animais é, em extinção, né.
- 22 *Pesquisadora* Agora vou te dar, assim, só um pedaço só a primeira ...pode falar
- 23 *José* Taá. Pode falar.
- 24 *Pesquisadora* Só a primeira frase, você lê tudo que tem mais texto atrás só pra você
25 me dizer se você confirma sua última hipótese ou não, reforça, exclui tudo o
26 que você já pensou. Vai pensar coisa diferente. Dá pra ler?
- 27 *José* (Lê) É..., é.... Confuso, né, acho que já falamos disso, né. Que os... é
28 eles são ex... excluídos daqueles que fazem parte, daqueles que estão
29 incluídos (risos) no que eles consideram que merecem cuidados especiais
30 por... por... por conta da... do extermínio, né? Enfim, é o que parece.
- 31 *Pesquisadora* Pronto só isso.

Protocolo Falado: Joana

- 01 *Pesquisadora* Eu quero que você tente fazer conforme tudo o que vier na tua cabeça. Vai
 02 me falando as relações que você está fazendo o que você está pensando
 03 esse é o título do texto.
- 04 *Joana* O Grito dos Excluídos?
- 05 *Pesquisadora* Ao que ele te remete? O que é que você pensa?
- 06 *Joana* Penso em crianças que estão fora dessa leitura e que são
 07 excluídos de alguma forma.
- 08 *Pesquisadora* O que mais? (Mostro a figura.)
- 09 *Joana* Em relação ao Título? Acho que estão excluídos nessa relação
 10 de... de... dessa poluição e de alguma forma está excluído dessa natureza
 11 a tartaruga. É um macaco?
- 12 *Pesquisadora* É um morcego (risos)
- 13 *Joana* Morcego?
- 14 *Pesquisadora* Agora tem gráfico. O gráfico te ajuda de algum modo a construir a
 15 idéia que você tem do texto? O que você espera do outro texto? Modifica
 16 alguma coisa, acrescenta alguma coisa?
- 17 *Joana* Pelo contrário só me ajuda. Afirma a idéia que por algum motivo
 18 estão sendo excluídos o estado crítico ameaçando, que estou vulnerável
 19 em relação à natureza.
- 20 *Pesquisadora* Olha primeiro. Não precisa ler tudo, não. Lê só a primeira linha do
 21 texto, me diz se acha que confirma ou altera alguma coisa, sua
 22 expectativa.?
- 23 *Joana* Modificou. Porque quando eu vi o título pensei que fosse uma
 24 exclusão de crianças, quando vi as imagens eu vi que uma exclusão da
 25 natureza, excluídos de alguma forma, quando vi o gráfico reportou à idéia
 26 na natureza e o texto comprova a exclusão dos animais.

Protocolo Falado: Silber

- 01 *Pesquisadora* Esse é o título.
- 02 *Silber* Pobreza. (...) Precisa desenvolver a idéia?
- 03 *Pesquisadora* Não. Essas são as imagens.
- 04 *Silber* Animais...fauna...animais silvestres...
- 05 *Pesquisadora* Mas como você relacionaria isso – as imagens – com o título?
- 06 *Silber* É...com o título o grito dos excluídos? São animais que dentro da
- 07 fauna podem ser considerados animais mas ...não inofensivos, mas
- 08 excluídos do ponto de vista que eles tem predadores que são muito mais
- 09 fortes que eles e que podem ser excluídos.
- 10 *Pesquisadora* Esse é o gráfico.
- 11 *Silber* Que tem um grande contingente...dentre várias espécies que estão em
- 12 perigo dentro da fauna.
- 13 *Pesquisadora* Isso aqui é o corpo do texto. Queria que você lesse para mim só a
- 14 primeira parte para que você tenha uma idéia do que é realmente sobre
- 15 isso ou que você mudaria, agora, alguma coisa.
- 16 *Silber* Ah,sim. Dentro desse espectro de animais existem aqueles que
- 17 nem são considerados quando você pensa em animais ameaçados.

- 46 a mãe não fingir... uma vez eu falei, há muitos anos atrás, pra uma
47 amiga... minha filha não lê - que a minha lê muito - o que é que eu
48 faço? Aí eu falei o seguinte: faz o seguinte, finge. Como finge? Ela
49 me disse não gosta de ler. Pega um livro e fica com ele todo o dia no
50 mesmo horário. Você tenta. E foi fingindo que a filha dela está lendo.
51 Respondi sua pergunta?
- 52 *Pesquisadora* Mais fácil ler, né? Vamos aproveitar.
- 53 *Rachel* Que é que vou fazer?
- 54 *Pesquisadora* Pra você, e que agora estou retomando o questionário. O ato
55 de ler é uma tarefa cognitiva, estou pegando aqui a dois – receptiva e
56 social – né, você pode me explicar...assim, pra você, quando você
57 pegou o questionário, como é que você interpretou essas...
- 58 *Rachel* Eu não entendi...Cognitivo a nível de inteligência cognição.
59 Receptivo de receptividade mesmo, né? O que você está lendo? O
60 que você está querendo? Social, do contexto mesmo, do social.
61 Político, eu entendi assim... isso foi engraçado. Foi uma questão que
62 eu não sabia...
- 63 *Pesquisadora* Eu pergunto porque eu queria saber o que cada um entendeu.
64 Eu fiz com uma idéia na minha cabeça, né? Mas eu queria saber
65 quem leu entendeu, interpretou de que maneira. Aí, depois na tarefa
66 de ler, sobre a tarefa de ler você falou que era centrado na interação
67 do leitor e autor, né? Qual é o papel do texto dentro dessa visão da
68 leitura?
- 69 *Rachel* Aonde, né? Já perdi toda a leitura prática...
- 70 *Pesquisadora* Está aqui. Cadê... cadê... está aqui. Oh!
- 71 *Rachel* Hum !!! eu... ah! Você quer saber...(relendo o questionário)
- 72 *Pesquisadora* Como é que funciona o texto dentro dessa dinâmica aí. Qual o
73 papel dele? Assim... prá compreensão, processo de compreensão, do
74 que a gente está lendo.
- 75 *Rachel* Esquisito, né? Eu botei entendimento de realidade sócio-
76 histórica é... do autor, né? Bom, você quer saber o que o texto... como
77 assim? O autor escreve.
- 78 *Pesquisadora* Qual o papel desse texto no processo de compreensão? Qual
79 a função dele? Qual a importância dele? Ele serve para?
- 80 *Rachel* Como você diz a nível de entendimento o texto, da interação
81 com o leitor.
- 82 *Pesquisadora* Questão de compreensão mesmo.
- 83 *Rachel* Você lê, você tem que estar entendendo o que você está
84 lendo. Se você não entende obviamente você, não é Se a leitura
85 não te prender, eu pelo menos sou assim, eu paro, né, tem alguns
86 autores aqui até fala o entendimento da realidade sócio-histórica do
87 autor, tem alguns autores na minha área tanto Pedagógica como
88 Direito, que nem adianta não serve pra mim, entendeu?, abro aquele
89 livro não adianta, enquanto colegas: não ele é bom, não eu não gosto
90 da leitura do fulano, né e, porque, na verdade, tem que ter a realidade
91 sócio-histórico do autor do texto e do leitor você tem que se identificar
92 com isso. As ideologias do autor e do leitor (?), todo o autor tem e
93 todo leitor a mesma coisa.
- 104 *Pesquisadora* Então como é que é isso? Você, você agora falou: todo o leitor

- 105 tem e todo autor tem (?) as duas pontes, né? E o texto, está no meio?
 106 O que é que ele faz? Qual a função dele em relação ao autor e ao
 107 leitor? Como é que fica o texto nisso aí..
- 108 *Rachel* Ué! Ele tem que estar aí no meio! Tanto o autor no caso, é
 109 que não estou sabendo me explicar. Você diz o autor que produziu aí
 110 o texto. É isso? E o leitor...
- 111 *Pesquisadora* Prá você , nesse texto.
 112 *Rachel* Tem que ter contexto.
 113 *Pesquisadora* O autor ele botou a ideologia, ele se expressou de alguma
 116 forma de ideologia e da mesma forma pra você e o leitor expressa
 117 suas ideologia enquanto está lendo.
- 118 *Rachel* Enquanto está lendo e entendendo.
 119 *Pesquisadora* O texto assim é... qual o papel dele nesse processo mesmo.
 120 De um lado tem o autor colocando ideologia e do outro lado tem o
 121 leitor. Como é que fica o texto?
- 122 *Rachel* A palavra não está vindo. Como é que fica o texto.....
 123 *Pesquisadora* Está ali só pra gente, sei lá, constatar que existe ideologia,
 124 está ali pra como, não sei, um lugar de conflito mesmo.
- 125 *Rachel* Não. Tem as idéias dele que o autor está colocando ali anh!.
 126 Ai como é é a palavra... Concatenar, né....
- 127 *Pesquisadora* Sua, do leitor e do autor estarem se complementando, sei lá,
 128 alguma coisa nesse sentido.
- 129 *Rachel* Não, porque os dois não vai... vão complementar você vai
 130 estar lendo uma coisa que você não vai ser totalmente fiel ao que o
 131 autor está falando. Mas, faz a pergunta de novo.
- 132 *Pesquisadora* Era só pra saber o papel do texto,, na verdade nessa, não sei, não
 133 posso falar muito, na pergunta, não assim... voltando ao que você
 134 tinha falado, tem uma autor que coloca suas ideologias , tem um leitor
 135 que também trás pra leitura as suas... Tem, tem suas convicções etc
 136 O texto fica como? Qual o papel desse texto aqui, serve como quê?
 137 Era um mediador, ele é pacificador?
- 138 *Rachel* Mais mediador, né.
 139 *Pesquisadora* No processo de compreensão, né?
 140 *Rachel* Mediador, facilitador também. Facilitador também não, anh!
 141 Mediador.(?)
- 142 *Pesquisadora* (?) vai ler um livro que você num gosta, né?
 143 *Rachel* Num é facilitador. É um mediador, talvez.
 144 *Pesquisadora* Pode ser. Não sei. Estou tentando te ajudar a responder.
 145 *Rachel* O texto no meio...(lê a pergunta de novo) Sim. O texto ta no
 146 meio. A gente tem que estar concatenando suas idéias, como ta lá.
 147 Como eu falei. Mesmo se você não entender, ele não vai ser
 148 facilitador. Vai ser um mediador. Acho que é por aí. O texto ta ali,
 149 certo? Vai entender ou não. Vai ter suas críticas ou não. O autor ta ali
 150 te mostrando aquilo. Cabe a você entender. Seria isso?
- 151 *Pesquisadora* Essa é a sua explicação. Queria que você me explicasse,
 152 agora na 2, você falou do ato de ler, né? Vou voltar lá. Você marcou
 153 cognitiva, receptiva e social. E, durante a leitura, você trouxe o
 154 contexto à tona pelo menos duas vezes. Escutando a fita, percebi.
 155 Você ligou, de algum modo, o que você estava lendo com a realidade,

156 com o que a gente tava vivendo. Pelo menos nessas duas vezes que
 157 eu percebi mais explicitamente. Você acha que é possível entender o
 158 texto sem ajuda do contexto?

159 *Rachel* Compreender o texto sem ajuda do contexto. Aquele ali tinha
 160 contexto. Naquele texto. Não tinha? Não...

161 *Pesquisadora* O grito dos excluídos?

162 *Rachel* É. Entendi uma coisa totalmente diferente. Compreender um
 163 texto...Acho que não. Não sei.

164 *Pesquisadora* Pensa na sua leitura. Como é que você explicaria essa...não
 165 sei se você lembra muito bem como é que foi...

166 *Rachel* Foi mas eu achei que não tivesse nada a ver. Tava no
 167 contexto. Lendo ali com meus alunos. A primeira coisa que eu pensei
 168 foi política. Foi social.

169 *Pesquisadora* Depois entrou o animal. Depois você viu os bichos e levou
 170 para a questão do meio ambiente.

171 *Rachel* Há. Há como você entender...como você diz: fora do contexto?

172 *Pesquisadora* Qualquer situação. Sem você fazer relação com alguma coisa
 173 que está fora do texto.

174 *Rachel* Mas, como? Da mesma forma que você me deu aquele?

175 *Pesquisadora* Se eu pedisse algo agora... para que você lesse...

176 *Rachel* O mundo encantado de alguma coisa, por exemplo...

177 *Pesquisadora* Você consegue ler isso sem aqui e entender o que quer dizer
 178 sem, sei lá, inferir que Monteiro Lobato foi um escritor, que Monteiro
 179 Lobato escreveu para crianças...

180 *Rachel* Consigo. Você, se me dá isso aqui...

181 *Pesquisadora* Eu queria fazer mais uma pergunta. Sobre a prática da leitura
 182 sendo ativa e passiva. Você poderia me dá um exemplo? Assim, não
 183 precisa explicar, definir termos. Na prática mesmo.

184 *Rachel* Ativo. To lendo um livro lá com eles. To ali, to discutindo
 185 alguma coisa. Algum tema de algum livro. Passivo, você ta ali, lendo o
 186 seu livro. Você e ele. O ativo é você com o seu livro também, mas com
 187 outros. Você discutindo, questionando.

188 *Pesquisadora* O que seria compreender a realidade sócio-histórica do autor,
 189 do leitor e do texto?

190 *Rachel* O entendimento sócio-histórico do autor. A história dele, o
 191 sócio, do autor. Do texto? A realidade desse texto a partir da realidade
 192 desse é que vamos saber da realidade desse texto. Mais ou menos. E
 193 do leitor. De repente, o leitor que tem uma realidade sócio-histórica
 194 abaixo ou acima da média...dependendo do autor, ele não vai
 195 alcançar, entendeu? Tipo, você pega um leitor que é de classe baixa,
 196 que não tem acesso a livro. De repente vai ler sobre o cara. Sobre um
 197 autor que não faz parte da realidade daquela pessoa. Como se, de
 198 repente, a gente for ler um livro de um autor que pega certas coisas
 199 que não sejam da nossa realidade. Pra que?

200 *Pesquisadora* É só. Obrigada.

Entrevista: Cibele

- 01 *Pesquisadora* Primeiro, gostaria que você me falasse um pouquinho da sua
02 história como professora. Como você chegou aqui?
- 03 *Cibele* Não era meu sonho ser professora. Meu sonho era trabalhar
04 com jornalismo, na verdade. Como o falecimento do meu pai que era
05 uma pessoa super idealizadora, assim, do meu trabalho, falou que
06 gostaria muito de ter uma filha como professora. e eu comecei a
07 descobrir esse universo, trabalhando em casa com algumas crianças
08 da comunidade que vinham, crianças carentes que eu estava
09 auxiliando e essa coisa do despertar da leitura e da escrita, me fizeram
10 me apaixonar pela, pela educação. Foi aí que eu comecei a estudar
11 e...assim, já não sei mais. Me apaixonei. Realmente, pelas crianças
12 menores, do C.^a e 1.^a. série são as idades que eu mais me identifico e
13 são as séries que eu mais acho interessante trabalhar...em relação a
14 educação. Então você descobre essa questão das letras e da
15 leitura...eu acho que isso é importante. Como professora eu, eu priorizo
16 esse lado de que nós somos pessoas. Estamos buscando uma
17 qualidade na educação. Não só para os nossos alunos, mas, nós,
18 professores também. Hoje, quero cada vez mais quero estar
19 buscando, numa área que eu escolhi, que eu ainda acredito. Ainda
20 acredito muito porque eu sei que nós não estamos aqui à toa. Não só
21 ensinar, mas também aprender.
- 22 *Pesquisadora* Agora, depois, eu queria que você me dissesse como a leitura
23 faz parte da sua vida?
- 24 *Cibele* Todo tempo. Às vezes eu me pego lendo dois, três livros ao
25 mesmo tempo. É...tudo me interessa desde livros infantis que estão
26 saindo à notícias de jornais, internet...se bem que agora eu uso pouco,
27 a questão da internet pelo fator tempo mesmo, estou me pegando
28 mesmo nos livros didáticos. Livros que você acaba levando maior
29 tempo, não só livros na área de educação, mas também livros ligados a
30 minha religião. Acabo lendo dois, três livros ao mesmo tempo.
- 31 *Pesquisadora* E, em sala de aula, como você trabalha a leitura com os
32 alunos?
- 33 *Cibele* Eu primeiro gosto de fazer assim. Gosto de ter sempre um
34 contato com o livro. Manusear o livro. Eu gosto que eles aprendam,
35 assim, desde a etapa de criação desse livro...como se idealiza um livro,
36 uma estória. Embora eles sejam alunos de 3.^a. serie, né? Estão entre a
37 2.^a. e a C.A., eles ainda precisam ter essas noções. E a gente compete
38 esse tempo todo com esse computador. E a gente não sabe muitas
39 vezes quem fez, quem montou aquele texto, a coisa vem toda pronta
40 pra eles. Eu sou muito a favor da criança ter este contato com o livro.
41 Sou a favor da professora de 1.^a. serie de contar estória, eles ainda
42 estão muito novos. Eles ainda precisam ouvir a voz do professor
43 contando, fazendo uma leitura diferente. Eu gosto de fazer o trabalho
44 da leitura silenciosa para que eles também tenham o momento deles
45 lerem. Eu sempre faço o cantinho de leitura na minha sala com
46 almofadas. A leitura é sinônimo de prazer. Não só de hábito, mas
47 primeiro, de prazer. Então eu fico falando assim, hoje nós vamos

48 trabalhar com o livro. Fico estimulando eles para que tenham a
 49 curiosidade de querer aquele livro. Que livro é esse? Que que ele tá
 50 falando? E, aí, eles querem pegar ele e meio que brigam – se traz um
 51 exemplar só – eles acabam que brigando para vê que estória é aquela.
 52 Aí eu faço uma sinopse do livro, da estória, dou aquela ênfase, as
 53 vezes faço vozes...brincando com eles. E eles acabam querendo o livro
 54 para eles. Tem criança que vai para a casa e fala: mãe, hoje a Cibele
 55 leu um livro. Compra esse livro? Na feira do livro, os livros que eu
 56 trabalhei foram vendidos aqui. Então, assim, eu acho que a leitura é
 57 fonte de prazer, vou repetir isso, e acho que a criança é pro mundo
 58 dela, pra vida toda. Não é só uma questão de fazer o trabalho da
 59 escola. A leitura está inserida no cotidiano dela.

60 *Pesquisadora* Vou pegar o questionário agora. Como você entendeu isso?
 61 Que a leitura é a interação entre autor, leitor e contexto. Como se dá
 62 essa interação?

63 *Cibele* Na verdade é assim, quando eu marquei a interação de autor,
 64 leitor e contexto, o autor não escreve livro sozinho. Escreve para
 65 alguém, baseado em algum contexto, algum pensamento que ele teve
 66 ou uma idéia que ele teve. E eu acho que o livro tem esse papel de
 67 interagir realmente. Quem escreveu, quem tá lendo e o que tá sendo
 68 tratado. Nada é feito sem ter um motivo. E eu acho que o leitor tem que
 69 entrar nesse sistema, nesse universo que é o contexto. Ele tem que
 70 entrar. Ele participa dessa estória, que ele tá lendo, aquilo se torna uma
 71 vivência. Têm pessoas que tem facilidade naquilo que tá lendo, viver
 72 através daquilo que tá lendo. Ou a gente descobre crianças que tem
 73 dificuldade na leitura porque não consegue interpretar aquilo que está
 74 lendo. E que não conseguem interagir porque não tá compreendendo. A
 75 leitura, pra mim, começa com pequenas palavras, com frases ou o
 76 todo, mas a criança participando dessa, dessa, atuando nessa leitura.
 77 Não dá pra fazer coisas isoladas.

78 *Pesquisadora* Vou pedir, assim, pra você tentar explicar qual seria o papel
 79 do texto nessa relação: autor, leitor e contexto. Então, qual seria a
 80 função desse texto na verdade?

81 *Cibele* Bom, depende. Se for um livro, um texto de imaginação, é levar
 82 a criança a um universo...na verdade, embora seja folclórico, assim, faz
 83 com que ela tenha uma, ajuda ela a ter uma outra criatividade. Por
 84 exemplo, eu me lembro que quando eu leio pros meus alunos fábulas,
 85 eles sabem que aquilo é uma coisa irreal. Mas aquilo faz com que eles
 86 usem mais a criatividade deles e possam, até, se tornar seres mais
 87 criativos. Eu tento buscar do contexto para a realidade. Fazer esta
 88 ponte. Então, por exemplo, se o livro é tipo, assim, as fábulas de
 89 Esopo, que traz uma moral assim...eu tento trazer essa moral para o
 90 dia-a-dia deles. Essa leitura se torna importante quando você faz essa
 91 ponte. Só ler, eles acabam se cansando.

102 *Pesquisadora* Queria que você me explicasse qual seria o conceito...como é
 103 que você entendeu a leitura como sendo ativa e passiva, né? Em que
 104 situação ela é silenciosa, individual. Em que situação ela é dinâmica e
 105 conjunta? Se é ao mesmo tempo, como se dá?

106 *Cibele* (?) Na verdade, são práticas que você pode exercitar no

107 momento da leitura. Em momentos, você vai utilizar uma prática
 108 passiva. Onde a criança vai estar naquele individual, lendo o seu livro.
 109 Ela mesma vai buscar o entendimento desse livro. Sem a interação de
 110 um adulto, seja ele educador ou não. E existem momentos em que
 111 essa leitura precisa ser dinâmica até para se descobrir o que o outro
 112 pensa. Também importante pra criança saber que em tudo que ela
 113 acha é o certo, é o mais certo. Aí, nesse momento, quando acontece a
 116 leitura dinâmica, dá para eles perceberem que cada um tem um modo
 117 de pensar, cada faz a leitura de uma figura, de um texto, e a
 118 interpretação daquilo que tá lendo. Importante ter esses dois
 119 momentos. Num primeiro momento, eu trabalho com eles a leitura
 120 passiva que é essencial. E, aí, eles entram em contato com o material,
 121 eles olhando o texto, vendo o tipo de diagramação, que tipo de letra –
 122 se é grande ou se é pequena, se tem muitas páginas, poucas páginas.
 123 Quer dizer, a criança fazendo a leitura desse material que está olhando,
 124 observando. E, depois, vem a coisa dinâmica. Eu geralmente, eu estou
 125 interagindo junto com eles. Eu leio uma parte, outro lê uma parte, a
 126 gente faz vozes. Quem vai ser o personagem tal? Isso é importante pra
 127 criança. E é aí que começa o processo da leitura. É importante para o
 128 grupo. O grupo cresce quando cada um dá sua opinião, das suas
 129 leituras (?) Às vezes o ativo é o professor lendo pros alunos e, as vezes
 130 o ativo é cada um lendo um pouquinho. Às vezes o aluno, no meio do
 131 aluno, eu vejo crianças aqui na faixa etária de 6,7 anos que no
 132 momento da leitura, eles perceberam coisa que eu, talvez, não tenha
 133 percebido. E aí eles querem parar e discutir sobre aquilo. Quer dizer,
 134 isso faz com que eles tenham uma outra observação o que é a leitura.

135 *Pesquisadora*

Eu queria que você tentasse, assim, ou por exemplo ou definir,
 o que é leitura pra você, em termo geral. Não sei se você lembra como
 foi sua leitura desse texto...com o próprio questionário que você
 marcou. Queria que você tentasse juntar tudo. Como é que você se vê
 como leitora, professora de leitura. Enfim, o que você entende como
 leitura, em termo geral. Se tivesse uma definição ou um exemplo do
 que é leitura.

142 *Cibele*

Ler é você compreender aquilo que está a sua frente. É você
 tentar entrar naquele texto, viver aquela experiência...a leitura faz você
 viajar, conhecer coisas sem precisar sair do lugar. E é fantástico esse
 universo. Você mexer com a questão da criatividade, com a questão do
 que o autor quis chegar naquele contexto, naquele texto. O que (?) que
 chegasse naquele texto. É...a leitura, hoje em dia, está em
 defasagem...eu vejo até por mim mesmo, eu não tenho tempo. Ler
 determinados textos específicos de uma área ou específicos para o
 meu trabalho. Cada vez menos as pessoas estão lendo, cada vez
 menos as pessoas estão fazendo leitura de diversos tipos de texto. Até
 porque livro tem aquele tipo de texto pronto, você tem que ler daquela
 maneira. Te ensina a ler um texto narrativo, um texto poético, um texto
 de bula, mas a leitura vai além disso. A leitura é uma compreensão que
 vai além disso, vai além do que eu, Cibele, posso fazer. Posso dar as
 técnicas, mas a compreensão ela abrange uma coisa muito grande e
 requer treino, interesse, requer pré-disposição...infelizmente, se você

158 fazer uma entrevista com professores, você vai ver que pouquíssimos
 159 professores tem essa coisa de ler livros não só ligados à área
 160 profissional, mas também de interesse próprio. Cada vez menos as
 161 pessoas estão lendo. Então, leitura, para mim, além dela ser super
 162 importante, ela me leva à outros universos que eu não tenho contato. E
 163 ela me leva a conhecer até mesmo vocabulário que a gente não utiliza
 164 muito. A leitura acrescenta. A leitura ensina. Faz você crescer. A leitura
 é isso tudo.

Entrevista: Maria

01 *Pesquisador* O que eu queria era assim: a primeira, a primeira coisa que
 02 você me falasse era um pouquinho da sua história como professora.
 03 Qual foi o caminho que você percorreu pra chegar até aqui, hoje?
 04 *Maria* Eu entrei no magistério porque eu sempre gostei de
 05 ensinar, né. E aí – minha mãe não era professora – era analfabeta, mas
 06 eu sempre gostei e optei por ser professora. E tô aqui até hoje. Já tive
 07 vontade de largar...
 08 *Pesquisadora* Por quê?
 09 *Maria* Ah...eu acho assim que a educação, ...a escola ela ta com
 10 uma carga muito grande. É ...a gente tem, tá tendo que educar
 11 mesmo. Os pais têm os filhos, mas não orientam....é... Num tem
 12 aquele trabalho de estar sempre com o filho, orientando, ensinado
 13 mesmo, né? Então, prá gente ás vezes fica meio cansativo. Mas aí é
 14 quando a gente ta cansada também. Aí depois tudo passa e ...
 15 *Pesquisadora* Você já pensou em fazer alguma coisa diferente do que você
 16 faz hoje? Assim, sem ser professora?
 17 *Pesquisadora/Maria* [(?)
 18 *Pesquisadora*] Agora, nesses momentos, assim.
 19 *Maria* Agora não.
 20 *Pesquisadora* Não?
 21 *Maria* Não. Nem quando eu era mais nova...não. Só assim quando eu
 22 vejo que a carga ta demais, aí eu falo: Ai meu Deus, eu vou largar
 23 tudo, eu vou procurar outra coisa. Mas depois passa e aí eu vejo que é
 24 isso mesmo que eu quero, que eu gosto...né? (...) Não penso em fazer
 25 outra coisa não.
 26 *Pesquisadora* E a leitura para você, Deise? Como é que ela entra na sua
 27 vida? Ela faz parte da sua, da sua vida ou...[
 28 *Maria*] Olha, antes de eu ter meu filho...
 29 *Pesquisadora* Hã
 30 *Maria* ...eu lia mais. Depois que ele nasceu...olha, fica difícil.
 31 Tenho que ficar aqui o dia inteiro, chegar em casa, enfim, só tem cinco
 32 anos. Depende de mim ainda. É orientar e ajudar no trabalho de casa
 33 e janta. E eu...**confesso** que tenho lido muito **pouco**. té falta
 34 mesmo. Eu acho que a nossa mente vai se apagando, ne, vai...Eu
 35 sinto falta mas o tempo...quando eu paro é para deitar e dormir.
 36 *Pesquisadora* Quando você pode ler ou quando você tem que ler realmente
 37 alguma coisa, que tipo de texto você costuma de ler?
 38 *Maria* Ah...eu gosto de ler jornal, revista. Qualquer, qualquer assunto

- 39 que me interesse: ciência, saúde, dieta. Eu gosto de ler tudo. E aqui na
 40 escola quando, geralmente, quando tem reunião, eles trazem um texto
 41 interessante e eu gosto de ...
- 42 *Pesquisadora* Que é ligado, sempre, à área de educação, assim,né ?
- 43 *Maria* É.
- 44 *Pesquisadora* E aí vocês lêem também?
- 45 *Maria* Também.
- 46 *Pesquisadora* Agora vamos falar um pouquinho do questionário, né? É...você
 47 marcou como opção do ler é, né, o que seria o ler pra você como
 48 interação entre autor, leitor e contexto. Eu queria que você tentasse
 49 nas suas palavras me explicar o que é isso pra você. Qual foi seu
 50 entendimento disso aqui, né? Como se daria essa interação na leitura?
- 51 *Maria* Como eu alfabetizei esta turma que eu estou hoje com textos
 52 mesmo. A gente não trabalhou pedacinhos. A gente só trabalhou texto.
 53 Então eu acredito que essa interação leitor, autor e contexto é que,
 54 num texto, tem que ser inserido um pouquinho da vida deles, um
 55 pouquinho do momento deles. Então é o que o texto traz , né, e o que
 56 eles conseguem identificar como faz..., fazendo parte da vida deles.E,
 57 a gente...eu sempre acreditei que dessa forma, ele entendendo o que
 58 ele tá lendo, a mensagem que o texto tá dando, que ele ia
 59 compreender melhor a leitura.
- 60 *Pesquisadora* Na segunda opção, 'o ato de ler é uma tarefa' você marcou
 61 como cognitiva, receptiva e social ,né, de novo centrada na mesma
 62 interação.Queria que você me explicasse os conceitos, pra você, de
 63 cognitiva, receptiva e social. Como você entende estes três
 64 conceitos.(...) Pode ser por exemplos, também. (?)
- 65 *Maria* É...cognitiva é a parte...né? Toda a criança é capaz de
 66 aprender. Essa é a parte cognitiva. Receptiva, se um texto traz coisas
 67 boas, ele vai se interessar muito mais por aquele texto. E o social é o
 68 que ta no meio deles. É a vivência deles,né? E é isso que a gente
 69 procura fazer,né? ...Dá mesma forma centrada na interação leitor,
 70 autor, com o texto é a mesma dali de cima.
- 71 *Pesquisadora* Você marcou a leitura como uma prática ativa, né? Dinâmica e
 72 conjunta. Como é que você faria uma comparação eh..., faria um
 73 contraste entre a idéia de dinâmica e conjunta e silenciosa e
 74 individual?
- 75 *Maria* (...)E...dinâmica e conjunta porque quando...Você quer uma
 76 comparação,né?
- 77 *Pesquisadora* Isso.
- 78 *Maria* Entre silenciosa e individual[
- 79 *Pesquisadora*]Por quê que você excluiu as duas outras queria tentar
 80 entender porque você excluiu as duas outras. Essa que poderia valer
- 81 *Maria* Ah tá, vou voltar lá na alfabetização. Quando a gente, eu e
 82 minhas amigas começamos a alfabetizar com texto, que foi uma coisa
 83 nova, até então nunca tinha feito isso, eh, o que é que nós fizemos, a
 84 gente tentava trazer o texto como uma coisa gostosa, prazerosa e
 85 quando eles liam em conjunto ele achavam o maior barato né, assim,
 86 né, tinha que vir em uma forma mais ativa né, e quando era em
 87 conjunto gostavam mais porque tinha que entonar a voz, né, então a

88 gente percebeu que eles gostavam muito mais, do que sentar lá e lê,
 89 né, sozinho, né, mas eu não comparei.... Então, a dinâmica conjunta é
 90 quando.. é uma coisa mais ativa é todos juntos entonando, né, e a
 91 silenciosa individual é quando o aluno senta lá e, eh, sozinho então o
 92 prazer vem dessa aqui, da ativa, é por isso que eu botei, né.

93 *Pesquisadora* Aí, nessa quatro você colocou assim; que, a leitura é o
 94 processo de compreensão do texto, né, seria a gente concatenar o
 95 texto em si com nossa idéia, então, o que está no texto com o que está
 96 na nossa cabeça, né, como é que você vê o papel aí, tanto do autor
 97 que escreveu quanto ao papel do contexto, como é que você acha que
 98 eles estão dentro dessa sua idéia de compreensão de texto, processo
 99 de compreensão. Eles estão ou não estão e se estão como, né, ou
 100 porque não estão?

101 *Maria* Repete a pergunta.

102 *Pesquisadora* Qual seria o papel tanto do autor do texto, não importa se é um
 103 autor, vários, uma instituição... e do próprio contexto. Pra você eles
 104 não fazem parte desse processo de compreensão ou se fazem por
 105 quê? De que modo eles fazem parte?

106 *Maria* Eu, eu, é, o texto, na, ele está todo ligado, né, quando traz
 107 uma palavra solta pra criança não vai ter significado, né, ela vai
 108 entender quando ler o total né, ela vai compreender muito mais o texto
 109 do que eu trazer 1 frase só ou uma palavra solta né, isso que você
 110 está querendo saber?

111 *Pesquisadora* É mais ou menos isso. Como é que entra então, quer dizer, eu,
 112 não sei se agora estou o que você está me falando, estamos pensando
 113 juntas aqui. Se voc[^]r trouxer uma frase, né, uma palavra fota do
 114 contexto, né, fica mais difícil para eles entenderem aquilo do que
 115 dentro do contexto, seria?. Então, como é que você vê isso aqui dentro
 116 do processo de compreensão, assim porque você em todas marcou ou
 117 deixou claro como aqui no caso você me explicou o que você pensou,
 118 né, a questão do contexto ou a questão, por exemplo, da interação
 119 entre autor, leitor e contexto e nessa ultima eu não consegui ver essa
 120 sua opção, entendeu? Ah, ah, eu só queria tentar entender, junto com
 121 você, a gente entender porque você escolheu essa opção aqui?

122 *Maria* Você quer saber o quê?

123 *Pesquisadora* Porque assim... Eu coloquei aqui dentro dessas opções
 124 algumas que deixavam mais claro a idéia do contexto ou que deixava
 125 mais claro a idéia o autor dessa interação, né, você não optou por
 126 nenhuma dessas apesar de você estar o tempo todo, né, falando da
 127 importância, por exemplo, do contexto, né, é a coisa do de você agora
 128 estar me explicando a leitura que você começou a alfabetizar com
 129 texto que você buscava alguma coisa que tivesse haver com a vida
 130 dos alunos, quer dizer isso é contexto, também que o contexto
 131 analisou aquela leitura e aqui nessa última eu não vi por simplesmente
 132 quer dizer, né, para você está implícito em algumas dessas partes, né,
 133 você fala pelo próprio texto com nossa idéia, você já trouxe pra você o
 134 contexto implicitamente então você achou que não haveria
 135 necessidade de marcar de forma mais Maria ou se de repente você ou
 136 não prestou atenção nas outras...

- 137 *Maria* Acho que não prestei atenção, sabe...
- 138 *Pesquisadora* É...
- 139 *Maria* Porque assim na sala de aula é
- 140 *Pesquisadora* Porque tem diferença, entre (?)
- 141 *Maria* Na sala de aula a gente fica meio... meio...chega uma hora
- 142 tenho que acabar que a Raquel vai vir buscar, né, que aqui nesse final
- 143 eu não prestei atenção.
- 144 *Pesquisadora* Entendeu o que eu estou colocando e de repente pra você ...
- 145 *Maria* Entendi...
- 146 *Pesquisadora* Assim pra mim acabou que não bateu, não fechou de acordo
- 147 ...
- 148 *Maria* An! An!
- 149 *Pesquisadora* com o que aconteceu
- 150 *Maria* An! An!
- 151 *Pesquisadora* Assim... pra você se você estivesse lendo tudo agora qual
- 152 seria esse processo de compreensão mesmo, né, o que leva a gente a
- 153 compreender, existe a diferença, é claro, a gente é, é ... interpretar e
- 154 compreender é a mesma coisa ou são coisas diferentes?
- 155 *Maria* Interpretar e compreender são a mesma coisa ou são coisas
- 156 ou coisas diferente?
- 157 *Pesquisadora* ou ... até usando o contexto que você Já assinalou aqui em
- 158 cima como é que você vê o dentro do processo de compreensão do
- 159 texto, esse papel de quem está lendo, de quem escreveu e do
- 160 contexto.
- 161 *Maria* Dentro do
- 162 *Pesquisadora* Dentro do processo de compreensão mesmo durante a leitura,
- 163 vamos imaginar que a gente está lendo e como é que funcionaria isso
- 164 pra você...assim.. que idéia você tem sobre esse processo como é
- 165 que ficaria você... qual a sua função de quem escreveu aquele texto,
- 166 né, como é que funciona o contexto pra você?
- 167 *Maria* Meu papel é fazer a ponte, né, entre o texto e o que eles
- 168 trazem, né, o que ele quer passar. Contexto seria o que o texto traz, eu
- 169 seria essa ponte entre eu, autor e os alunos, né. Er: : você
- 170 quer saber?
- 171 *Pesquisadora* é
- 172 *Maria* Mais o quê?
- 173 *Pesquisadora* Queria entender, justamente, assim... como ficou isso né, pra
- 174 você que a gente falou do processo de compreensão, eu achei que
- 175 outras coisas ficaram assim de fora e você traz isso, né, sua fala assim
- 176 a questão do contexto, por exemplo, ficou claro aqui, pra mim, é
- 177 importante pra você e na ultima você não marcou.
- 178 *Maria* É eu
- 179 *Pesquisadora* Queria entender o que é que passou assim.... será que, né, ou
- 180 não prestou atenção
- 181 *Maria* Talvez não tenha prestado atenção mesmo ou assim...tipo
- 182 estava na hora de sair ... não me lembro
- 183 *Pesquisadora* Porque às vezes a gente tem aquela questão, você está lendo
- 184 e pra você isso já está implícito..., a gente fala ah... a gente o texto em
- 185 si será que já não subentende o contexto. O que cad uma está

186 pensando às vezes marca por achar que não está excluindo nada, né,
187 esta de acordo com o que está marcando antes. É, é deu para
188 entender um pouquinho.

189 *Maria* Hoje eu marcaria esta ultima aqui.

190 *Pesquisadora* Então vou pedir pra você fazer uma definição de leitura. O que
191 é leitura pra você?

192 *Maria* Ler... Ler não basta apenas você, é, definir o código né, não é
193 isso que a gente compreende como leitura. Ler é você interagir,
194 entender, é tentar compreender o que é que esse texto está te
195 passando realmente não é você chegar aqui e decifrar esse código,
196 né, você entender, saber o porque, você até está lendo esse texto né.
197 Ler, compreender, interagir sobre ele, né, ai meu Deus que mais que
198 vou falar.

199 *Pesquisadora* Está ótimo, tá. Obrigada, Maria.

Entrevista: Silber

- 01 *Pesquisadora* Primeiro, eu gostaria que você tentasse explicar o que seria
02 interação entre leitor, autor e texto. Como se daria essa interação?
- 03 *Silber* Acho que a partir de um texto e a partir da idéia que o autor passa você
04 vai ter uma compre q vai depender da sua carga, da sua carga de
05 pensamento do seus estereótipos, de toda a informação que você tenha
06 da sua cultura...A cultura que eu to dizendo q pode ser uma cultura local,
07 uma cultura escolar, não necessariamente uma cultura nacional. Acho
08 que tudo isso depende a medida em que você vai ler o texto. Você pode
09 ter um texto, digamos assim, reconhecidamente famoso que pode não
10 dizer nada para um determinado aluno. Por quê? Porque ele tem uma
11 cultura, uma bagagem cultural que ele não percebe ou, e se percebe, ele
12 não dá o mesmo grau de compreensão que uma outra pessoa que tenha
13 os elementos mais formais ou que tenha esses elementos culturais vai
14 fazer na compreensão. Eu acho que depende desses três pontos para
15 haver uma leitura. Tava lendo uma vez que existe diferença entre leitor e
16 o leitor. O leitor pode ler e não dá a mínima importância. O leitor, não. Ele
17 é aquele que vai dar uma significação praquele texto a partir das
18 informações que ele tem.
- 19 *Pesquisadora* Na segunda pergunta, o ato de ler é uma tarefa, você marcou cõo
20 cognitiva, receptiva e social,né? E centrou, dessa vez, na interação autor,
21 leitor, contexto. Queria que você me explicasse o que, pra você, significou
22 cognitiva, receptiva e social.
- 23 *Silber* É acho que funciona como eu tava dizendo. Cognitiva porque ele vai ter
24 que ter elementos para ter essa leitura
- 25 *Pesquisadora* Que seriam...?
- 26 *Silber* A própria formalidade da língua, né? A compreensão. Ele significar as
27 palavras, os vocábulos, ele precisa disso. Por outro lado, esse texto, ele
28 tem que ter uma receptividade para ele. Você pode preparar um texto que
29 você ache extremamente interessante que pode não dizer nada para ele.
30 Até porque você pode ta entendendo um determinado conceito que está
31 no texto que ele não entende aquele conceito daquela maneira. A própria
32 idéia de violência... a própria idéia de amor. A gente tem uma idéia de
33 amor que é muito generalizada e as pessoas tem diferentes formas de...é
34 um conceito, o amor. Então, você não tem O amor. Você não concretiza
35 aquilo como está estagnado o conceito de amor. Ou pelo fato de ser
36 conceito vai depender do seu grau de informação e das suas informações
37 relativas a esse conceito. Como você projeta a idéia de amor.
- 38 *Pesquisadora* E social...
- 39 *Silber* Social porque você vive em sociedade. Como que aquilo que é dito no
40 texto, como que aquilo é trabalhado no seu meio, na sua sociedade. A
41 própria idéia de violência. O que é violência para um e o que é violência
42 para outros? Por exemplo, o ato de você matar alguém como vingança é
43 aceito porque aquela pessoa fez aquilo porque...Ela foi acometida
44 daquele assassinato porque ela fez alguma coisa com outra. Então,
45 nesse nível não é violência, para algumas pessoas. Então, o conceito
46 violência vai depender da receptividade social.
- 47 *Pesquisadora* Depois a terceira, a leitura como prática ativa e passiva. Na verdade, o

- 48 que eu quero que você tente fazer é um contraste entre
49 silenciosa/individual e dinâmica/conjunta. O quê que seria você trabalhar
50 a leitura ou como ela seria, ao mesmo tempo, silenciosa/individual e
51 dinâmica/conjunta?
- 52 *Silber* Eu marquei exatamente a segunda porque eu achei que...é vamos ver.
53 Silenciosa e individual...
- 54 *Pesquisadora* Ou que tipo de situação em que ela pode ser não necessariamente as
55 duas ao mesmo tempo..há situações que ela pode ser uma ou outra, não
56 sei.
- 57 *Silber* Essa leitura silenciosa e individual? Eu acho que o individual me parece
58 que não quer dizer que seja somente o individuo. Mas é uma leitura, do
59 ponto de vista, assim: você pode estar num espaço coletivo onde cada
60 indivíduo vai ter sua própria leitura. Ou seja, você pode estar achando
61 que numa palestra onde você mostre uma transparência com um texto
62 todas as pessoas estão lendo da mesma forma, e não estão. Estão lendo
63 silenciosamente porém estão dando uma concepção individual daquilo.
64 Agora isso pode se tornar dinâmica a medida em que isso seja colocado,
65 compartilhado as varias interpretações. Ai você pode estar fazendo uma
66 leitura coletiva e dinâmica sob esse aspecto. As pessoas estarão
67 compartilhando a sua leitura individual e até chegando a um denominador
68 comum ou chegando há várias hipóteses sobre aquele texto. A gente vê
69 muito isso quando a gente trabalha texto em sala de aula. Quando você
70 propõe uma pergunta e os alunos encontram uma outra idéia. Eles falam “
71 Não mas quando eu li eu pensei nisso também”. E muitas vezes você
72 não tinha nem, não tava atento para aquele aspecto do texto. Você nem
73 percebeu que o texto também sobre aquilo.
- 74 *Pesquisadora* E a última...
- 75 *Silber* Que essa leitura não precisa ser apenas do ponto de vista gramatical.
76 Você pode estar assistindo uma palestra e estar lendo o discurso oral da
77 pessoa.
- 78 *Pesquisadora* Não ta só ligado ao texto, no papel impresso, né?
- 79 *Silber* É. Eu tenho uma experiência dessas. Eu levei um judeu lá na escola e ele
80 é sobrevivente de guerra. E minha grande duvida era como trabalhar a
81 segunda guerra e o nazi-fascismo para uma comunidade que não ouviu
82 falar, uma comunidade jovem que não tem acesso a essas informações.
83 Se eu ficasse trazendo os elementos seria mais uma informação que ia
84 ser assimilada mas sem uma contextualização. Daí eu vi uma entrevista
85 dele no Fantástico, entrei em contato e fui até lá. A idéia dele de exclusão
86 por parte dos nazistas foi lido por ele - de forma até extremamente
87 emotiva – porque ele se via excluídos. Não pelo Nazi-fascismo. Mas pelo
88 estado, pela própria escola, pela comunidade. Então, a leitura daquela
89 fala foi completamente pessoal. Lógico que a partir da, do entendimento
90 deles sobre aquilo foi muito mais fácil eu trabalhar o que eu estava
91 querendo dentro do conteúdo programático. A idéia de exclusão deles foi
92 algo comparado a um grupo de exclusão ético, há 50 anos, de um outro
93 pais.
- 94 *Pesquisadora* Deve ter sido muito interessante esse debate. Foi uma conversa?
- 95 *Silber* É. Ele relatou a vida dele. Ele tem um livro “Os Sobreviventes”.Ele ta vivo
96 ainda. Ele passou por Auschwitz, passou por vários campos...o pai e mãe

- 97 morrem e ele sobrevive.
- 98 *Pesquisadora* História viva mesmo, né?
- 99 *Silber* É. Alexander Alex.
- 100 *Pesquisadora* Na nossa última aqui, vai falar sobre o processo de compreensão mesmo.
- 101 A leitura enquanto ? que foi, lógico, um entendimento meu. Você marca a
- 102 última que seria o entendimento da realidade do autor, texto e leitor. Eu
- 103 queria fazer só um questionamento, na verdade. Não quero que você me
- 104 explique nada disso que eu acho que tá bem extensa a explicação. Eu
- 105 percebi que ficou aqui e aqui bem marcado e nas suas explicações,
- 106 também, essa idéia do contexto. Eu acho que, posso estar errada, que
- 107 você valoriza isso. Que você acha importante pra que exista uma
- 108 compreensão-
- 109 *Silber* Haver uma contextualização.
- 110 *Pesquisadora* Ou maior ou melhor, enfim, ou que haja uma compreensão que exista
- 111 essa contextualização, né?
- 112 *Silber* Existe essa contextualização e eu acho que tem que se levar em conta
- 113 também o contexto do aluno.
- 114 *Pesquisadora* Só que eu não vi o contexto aqui. Explicitamente marcado até porque eu
- 115 dei uma opção aqui autor-leitor-contexto. Por que a escolha desse aqui e
- 116 não desse?
- 117 *Silber* Talvez tenha sido uma questão na hora, no momento. Porque eu entendi
- 118 o texto...é realmente aqui eu deveria ter marcado o último mesmo. O que
- 119 eu pensei o ato de ler ...eu pensei o texto, o autor e o leitor. Eu pensei o
- 120 leitor como contexto.
- 121 *Pesquisadora* É isso que eu queria saber. Porque eu separei e até outras pessoas que
- 122 responderam o questionário colocaram assim "eu senti falta de que você
- 123 contemplasse isso e isso". É lógico que na minha cabeça eu imaginei que
- 124 aqui poderia..
- 125 *Silber* Eu imagino o leitor não como aquele que pega o texto e não vai ter
- 126 nenhuma ação sobre ele. Eu acho que o leitor, ele tá embuido de vários
- 127 elementos, várias hipóteses para ele tomar aquele texto ali. Senão, não
- 128 teria sentido. Nem daria sentido. Ai, quando eu pensei nessa
- 129 possibilidade, eu pensei o contexto no leitor. Pra mim ele é um elemento
- 130 que contextualiza. E ele é o próprio. Ele vive no mesmo contexto.

Entrevista: Gracinha

- 01 *Pesquisadora:* Queria que você falasse um pouquinho do seu percurso como
02 professora. Tua formação o que te levou até chegar aqui.
- 03 *Gracinha* Bom, eu como minha família toda é do magistério. Minha mãe é
04 professora, meu pai é professor, então eu convivi a vida inteira com isso.
05 Mas eu decidi mesmo no 3º. ano. Foi uma coisa que eu queria, eu não
06 sabia de que, tanto que eu fiz vestibular para Matemática e História.
07 Duas áreas completamente diferentes, depois eu consegui juntar isso,
08 no meu mestrado foi História da Matemática. Mas, com certeza deve ter
09 tido alguma influência mas eu decidi porque eu quis mesmo e, no 3º.
10 ano, que eu decidi. Eu fiz vestibular tanto para Matemática, meu
11 vestibular foi uma coisa assim, uma Faculdade para Licenciatura em
12 Matemática, outra foi História e a outra Direito, e eu passei em tudo, né.
13 Aí comecei até a fazer Direito junto com a matemática, mas não gostei.
14 Gostei de Matemática embora a faculdade no início não tinha muito a ver
15 com a vida profissional mas eu fui até ao final.
- 16 *Pesquisadora* Você pensava assim quando começou a fazer o curso, de ser
17 professora ou você fez por causa da Matemática.
- 18 *Gracinha* Não. O que me fez levar o curso adiante foi ser professora. O
19 curso de Matemática em si, ele é muito pesado. Ainda mais que fiz UFF
20 com 500 greves então era super desestimulante.
- 21 *Pesquisadora* E a leitura como é que faz parte da sua vida?
- 22 *Gracinha* Bom, na faculdade me afastei muito da leitura porque a
23 faculdade de Matemática, principalmente os dois primeiros anos, é só
24 exata, exata, então a pessoa que costuma fazer exata, acho que já tem
25 uma tendência a não ler muito. Aí quando você não tinha também muito
26 incentivo e aí a leitura foi ficando de lado. Eu lia mais por lado que era
27 bom porque sentia falta da leitura então foi a época em que eu lia mais
28 jornal, revista por conta. E depois fazer as matérias finais que era
29 psicologia, e práticas aí eu comecei a ler mais. Mas digamos que foi
30 *Pesquisadora* 30% na Faculdade.
- 31 E hoje. E hoje, como é que a leitura faz parte de sua vida? Se
32 *Gracinha* faz? (risos).
- 33 Hoje? Não, hoje faz, graças a Deus, eu acabei o mestrado,
34 acabei parte da especialização, então hoje consigo ainda pegar alguns
35 *Pesquisadora* artigos pra ler mas acho que ainda falta. Acho que preciso de mais
36 *Gracinha* tempo.
- 37 O que você costuma ler, assim, hoje?
38 Eu costumo ler, é... relacionado à matéria, à minha profissão. Eu
39 costumo ler alguns artigos sobre educação sobre o que está
40 *Pesquisadora* acontecendo. E é normal no final de semana ler jornal, uma revista, livro
41 raramente.
- 42 *Gracinha* Como você trabalha leitura com seus alunos. Você acha
43 importante pra
44 Eu não trabalho, é mas não trabalho leitura não, eu trabalho
45 mais escrita por conta de não admito que o aluno escreva errado então
46 eu corrijo o aluno seja na prova, seja falando, seja mesmo em termos de
47 *Pesquisadora* leitura. Eu até através de pesquisa quando eu faço um trabalho pra
48 pesquisar, estou trabalhando a leitura mas isso é pouco ainda.

- 98 forma e não é dessa forma não é ou a minha visão e desse jeito tem
99 essa outra visão.
- 100 Gracinha Tá.
- 101 Pesquisadora E você também escolheu a opção da leitura são um processo
102 ativo e passivo. Queria que você tentasse me explicar isso. Assim, como
103 é que esses dois conceitos, em relação à leitura funciona pra você?
104 Porque passivo e porque ativo? Né?
- 105 Gracinha É porque tem hora que aquilo ali é passivo, você lê você pega
106 informação e aquilo ali é o que você chama aqui até silencioso,
107 individual acabou, entrou e ficou. É, muitas horas a leitura serve para
108 você começar um debate pra você começar a discutir e mudar idéia
109 então tem as duas funções.
- 110 Pesquisadora Se eu pedisse que você definisse leitura.
- 111 Gracinha Informação.

Entrevista: José

- 01 *Pesquisadora* Primeiro queria que você falasse um pouquinho só sobre seu percurso enquanto
02 professor.
- 03 *José* Enquanto professor? Ah!! Complicado, comecei a dar aula cedo porque estudei
04 música e depois entrei na faculdade de Filosofia e tive que dar aula a partir do 3º.
05 Período porque fui monitor na UFRJ você, os monitores substituem os professores
06 têm essa autonomia, o professor só tem autonomia de colocar o aluno, aí dei dois
07 anos de aula não só como monitor e dois anos de aula como professor substituto,
08 só que tenho experiência de professor muito mais acadêmico, do que professor do
09 ensino médio, né, eu não tenho essa coisa do, enfim, essa organização que o
10 ensino médio precisa pra suprir a desorg..., desorganização do aluno.
- 11 *Pesquisadora* E, sobre leitura, ela faz parte da sua vida?
- 12 *José* Ah!!! Leitura é surreal
- 13 *Pesquisadora* ???
- 14 *José* É até difícil falar. Eu, ah!!! Desde muito novo eu leio, assim, desde muito novo,
15 então é..., tudo que eu sou é por causa da leitura. Leitura virou, na minha vida,
16 algo que se confunde com minha existência. Então, assim, eu leio muito, eu passo
17 boa parte do meu tempo lendo, e.....
- 18 *Pesquisadora* Que tipo de material você lê mais?
- 19 *José* Eu comecei a fazer filosofia. Decidi estudar filosofia porque muito novo eu comecei
20 a ler psicologia e aí fiz uma ponte com Nietzsche e aí.. eu era ainda não tava, nem
21 tava o quê? Uns nove anos e a leitura era tudo, tinha sua orientação filosófica, até
22 mesmo psicológica até mesmo obra literária e minha leitura até hoje é basicamente
23 filosofia, literatura e poesia, aí já distinguindo poesia de literatura pra porque eu sei
24 que poesia é literatura porém é diferente, assim.. pra filosofia é diferente...
- 25 *Pesquisadora* É diferente?
- 26 *José* É.
- 27 *Pesquisadora* E.... você costuma trabalhar leitura com seus alunos?
- 28 *José* Como eu trabalho com filosofia da linguagem, isso não sai na gravação, mas... eu
29 em FHL, é basicamente de lógica é aula de interpretação, aí o esforço pra mostrar
30 pros alunos que toda e qualquer compreensão ... toda e qualquer compreensão
31 envolve os dois lados fundamentais que é sujeito e objeto né, o sujeito que detém o

- 32 conhecimento e o objeto que se põe, se dispõe a quem conhece, aí eu tenho que
 33 mostrar pra eles como o substitui isso você tira o...o...o... a palavra entendimento e
 34 coloca compreensão e mostra como é isso, é diferente, você tira a palavra
 35 fenômeno já dá uma dimensão diferenciada mostra pra eles de que modo
 36 compreender essas categorias da leitura e da compreensão de outro modo amplia
 37 o horizonte de leitura
 38 deles, né... amplia a capacidade de interpretação.
- 39 *Pesquisadora* E como isso pe feito assim dentro de sala, na prática?
- 40 *José* Na prática faço isso de modo muito conceitual, eu falo, eu explico o que é sujeito
 41 que é um conceito muito complicado tem até frase de Santo Agostinho que diz:
 42 todo mundo sabe o que é tempo até que alguém pergunte o que é, né todo
 43 mundo sabe o que é sujeito.....
- 44 *Pesquisadora* ??????????
- 45 *José* A frase de Santo Agostinho é alguma coisa assim muito complexa ele diz se não
 46 me perguntarem o que é tempo eu sei o que é tempo... mas se alguém é... me
 47 pergunta o que é tempo, imediatamente já não sei mais o que é tempo, então é...
 48 eu trabalho com esquema que é um esquema basicamente filosófico não que é
 49 você primeiro perguntar... pergunta pro aluno sempre assim ah.....o que é isso? O
 50 que é sujeito? Aí vem um bando de senso comum, um bando do senso comum,
 51 eles não percebem que a resposta deles nega a própria compreensão que eles
 52 têm, aí eu começo a destruir o senso comum e a trazer nova compreensão pra eles
 53 e aí, sim, vou trabalhando os conceitos, conceito de sujeito, conceito de objeto e
 54 trabalho isso de modo bastante hermenêutico. Quando falo de sujeito, eu explico
 55 qual é a origem da palavra objeto né, mostro de que modo ela em outras línguas
 56 envolve a mesma compreensão e é
 57 e aí tento refazer, na cabeça deles, esses conceitos.
- 58 *Pesquisadora* Esses conceitos, né? É, agora vou pegar um pouquinho do questionário, você
 59 marcou, acho que na primeira opção, que ler é interação de leitor e texto
 60 *José* É...
- 61 *Pesquisadora* Deixe eu falar pra você, acho que foi a primeira, ta?
- 62 *José* Foi, foi exatamente isso..
- 63 *Pesquisadora* Queria que você me explicasse é... ou o conceito mesmo pra você ou você me
 64 explica através de um exemplo que é que seria, como se daria essa interação?
- 65 *José* É assim... sujeito, objeto, nesse caso aqui o sujeito é o leitor e o livro é o objeto, é...
- 66 *Pesquisadora* Não entendi, porque você marcou essa...
- 67 *José* É.... então....
- 68 *Pesquisadora* Que explicação por sujeito do objeto?
- 69 *José* Então, pega a história da filosofia, m algum momento da história da filosofia em que
 70 o objeto era ler, então entender era adequar o entendimento ao objeto, afinal o
 71 objeto ele trazia suas determinações dos ?servos de Deus?, houve um momento
 72 na história da filosofia em que você tem uma supremacia da consciência sobre a
 73 objetividade então o homem, ele é autônomo de modo que o objeto em si não tem
 74 valor nenhum ele só é na medida que, em que.... na medida em que você tem
 75 consciência dele. E.... esse tipo de um... eu... eu... sou um sujeito pós- moderno
 76 não existe objeto sem consciência do objeto e não existe consciência sem objetos
 77 que dão legitimidade à consciência, então ler é basicamente interagir o objeto ou
 78 seja da minha leitura que é o livro, ele me renova a minha consciência mas por
 79 outro lado a minha leitura reescreve o livro, no que eu leio estou reescrevendo o
 80 livro.

- 81 *Pesquisadora* É... que me explicasse também, tentasse explicar os conceitos cognitivos e
82 receptivos relacionados ao ato de ler, né...
- 83 *José* É.... quando você fala de uma leitura, uma leitura cognitiva é uma leitura que extrai
84 daquilo que lê conhecimento, né só que isso é bastante complicado é..., o que é
85 conhecer, você nunca conhece, você enquanto ser do conhecimento enquanto
86 Homem você não conhece você reconhece, então conhecer de algum modo é
87 conseguir extrair da leitura alguma coisa que já ficou, que você trás , então você já
88 trás uma série de disposições que vão legitimar sua leitura e, a receptiva é igual
89 sobre facilidade é como se a... o... aquilo que você lê tivesse construindo você, o
90 conhecimento então assim, eu acho que a leitura é sempre cognitiva e receptiva ao
91 mesmo tempo, porque você não sabe até onde começa a estrutura do
92 entendimento que dá sentido ao texto e até que ponto o texto ... ele é modificado...
93 modificado por essa estrutura então é uma relação de reciprocidade sempre, uma
94 relação de troca. Eu acho que é.. foi isso que eu queria pontuar...
- 95 *Pesquisadora* Quando marcou assim....
- 96 *José* Na interação como é que você pode ler se você não interage, se você não deixa o
97 livro entrar e se você não sai pra buscar a compreensão no livro, então essa
98 relação é fundamental. Em música isso é fundamental quando vocêconceito
99 assim... em música porque quando você escuta um..por ex Bach, sobretudo
100 quando você escuta uma obra , uma obra de arte, quando você tem compreensão
101 musical, você percebe, ao ouvir, que aquela música ela é, ... está sendo construída
102 pelo seu escutar, ao mesmo tempo, que aquela música está modificando a sua
103 compreensão de musicalidade então o professor.. É, então, assim o sujeito pode
104 não saber literatura mas o professor de literatura tem que ser capaz de ensiná-lo a
105 saber ler. Então é assim, eu acho, a aula de literatura deveria ser aula de ser,
106 porque a história da literatura você aprende sozinho, não precisa de professor...
- 107 *Pesquisadora* Se souber ler, né?
- 108 *José* É, se souber ler, entendeu?
- 109 *Pesquisadora* Agora com relação a essa opção aqui de você acreditar na leitura enquanto prática
110 e que tipo de prática marcou ela como ativa, sendo dinâmica e conjunta. Qual é seu
111 entendimento, o que seria dinâmica e conjunta, de um exemplo de preferência.
- 112 *José* Meu problema...., meu problema....., meu problema todo aqui foi com os termos, o
113 certo seria ter marcado ativa e passiva pra ser coerente com o resto, né, mas
114 quando eu coloco ativa, dinâmica e conjunta é porque assim... é a passibilidade....o
115 que é passibilidade, você só é passível diante de alguma coisa que é ativo só que o
116 livro não é ativo então assim dinâmica e conjunta na verdade quem faz um livro
117 ativo é você, você dota o livro de atividade, né, então por isso que eu coloquei
118 ativo, ativo e passivo, na verdade faria muito sentido, então, assim a leitura é isso
119 que eu já falei das outras vezes, é sempre você sendo modificado e modificando,
120 né?
- 121 *Pesquisadora* E essa questão do ser conjunta, como é que você entende?
- 122 *José* A conjunta aqui eu entendi aqui né, o conjunto na medida que você chama o livro
123 para participar, ou seja,...
- 124 *Pesquisadora* Você sozinho, né? E aí a contribuição do texto, vamos dizer....
- 125 *José* Isso. Então assim o livro de também tem voz, ele me diz muito, então na verdade
126 quando leio um livro isso é um acordo, acordo entre dois, não é... Não é individual.
127 Não daria pra ser individual.
- 128 *Pesquisadora* Então, no seu entendimento ela não é individual.
- 129 *José* A leitura nunca é individual, ela não é individual porque é sempre você e o livro e

- 130 porque é você e milhões de visões do mundo que você traz em função da
 131 experiência que você tem com os outros e em função das pessoas que você
 132 descobre quando lê, quando estou lendo um livro eu penso nas pessoas, eu falo,
 133 pô ... essa pessoa aqui ela isso seria interessante pra essa pessoa ele descreveu
 134 uma disposição humana que eu conheço, uma figura da realidade, então, o livro da
 135 uma experiência de mundo absurda, né, tu conheces a frase de Caetano Veloso:
 136 (se quiser pode desligar para porque não) que ele fala assim sou um homem
 137 comum qualquer um esquecido entre a dor e o prazer hei de viver e morrer como
 138 um homem comum mas o meu coração de poeta uma total solidão que às vezes
 139 assisto a guerras e festas imensas sem voar e tenho as fibras tensas eu sou um
 140 ninguém e comum e eu sou ninguém. É fantástica essa descoberta da do
 141 mundo a partir da solidão, né, e desc..... por outro lado é a descoberta de você
 142 mesmo a partir da multidão, então o outro é um espelho né, e a solidão de trás de
 143 maneira fria aquilo que as pessoas são e podem ser. Achei que a leitura tem muito
 144 *Pesquisadora:* disso, toda a leitura poética.
 145 Agora não está muito aí, mas fiz essa relação com aquela leitura que você fez do
 146 protocolo falado dentro daquele texto. É, você marcou na sua fala mesmo, depois
 147 escutando sua gravação, a importância do contexto pelo menos duas vezes assim
 148 explicitamente, né, ficou assim não preciso estudar o que você está falando mas de
 149 primeira eu percebi que você trouxe o contexto pra sua compreensão mesmo pra
 150 fazer sentido daquilo que você estava lendo como você me explica as escolhas
 151 feitas no questionário porque não ficaram evidenciadas, esse contexto tão
 152 claramente, aqui eu botei, né, usei a palavra contexto você poderia ter optado por
 153 essa, se sua fala na hora da leitura, você trouxe isso pra mim muito claramente.
 154 *José* É, porque assim, pra mim, ler não é ler livro, o livro é um fenômeno é uma
 155 possibilidade, pra mim ler é ler realidade, então assim, estou sempre lendo e,
 156 quando eu estou lendo um fenômeno que utiliza uma linguagem muito mais rica e
 157 autônoma do que o texto porque a realidade é muito mais rica do que qualquer
 158 palavra, o contexto é fundamental, é por isso que eu sempre... eu sempre substituo
 159 a palavra leitura pela palavra compreensão, então a compreensão é entrelaçada,
 160 uma coisa compreende a outra. Então quando você está olhando pra imagens,
 161 quando está olhando pra realidade o contexto é fundamental, porque o contexto é
 162 o, é aquilo que você lê, o contexto é a coisa da leitura agora quando você está
 163 lendo um texto ele já traz uma série de contexto que, ele já traz um certo
 164 número de contextos que envolvem é categorias literárias, então, assim, ainda
 165 que você tenha a liberdade de ler de mil maneiras possíveis um livro você não tem,
 166 por exemplo, é, num livro a possibilidade de ser surpreendido não pelo fenômeno
 167 literário, mas pelo fenômeno da realidade você lê um livro dez vezes, no entanto
 168 você pode lê-lo dez vezes diferente, entendeu?, só que você não vai ser
 169 surpreendido pelo texto, você pode até ser surpreendido pelo contexto que na
 170 verdade diz respeito à sua abstração do livro. Eu me abstraio do livro e porque
 171 neste momento estou passando, por essa ou aquela situação, eu leio ele de modo
 172 diferente, né, então quando aqui como se está falando de leitura, então eu tirei a
 173 palavra contexto porque eu uso muito a palavra contexto pra leitura da realidade,
 174 de fenômeno, foi por isso que aqui eu não tinha evidenciado...
 175 *Pesquisadora* Evidenciado?....
 176 *José* No entanto quando você me mostra uma série de imagens o contexto pra mim é
 177 fundamental.
 178 *Pesquisadora* Ficou claro, assim, eu vi seu questionário, assim, também não olho pra lá, não ficou

- 179 né, etc, acho que aqui a última, nem a última, foi...
- 180 *José* Não, na última..
- 181 *Pesquisadora* Botou ponto de encontro é.... é... aqui na última opção a gente ainda vê a palavra
- 182 contexto, né, , né e eu dei essa opção, assim, no questionário de assinalar o
- 183 contexto mas eu não sei se não assinalou porque num de repente está explicito em
- 184 algum conceito que você tenha sobre alguma coisa.
- 185 *José* Aqui, mas, aqui tem um negócio muito legal, aqui o entendimento da realidade
- 186 sócio-histórica do autor do texto você coloca uma série de coisas, né, que não
- 187 restringe mas a leitura de, simplesmente, de um texto específico, de uma palavra
- 188 escrita que me, né, acaba me... me... requisitando a necessidade de falar que um
- 189 contexto, porque dentro da leitura de um livro o que seria o contexto? Né, isso é
- 190 que eu não sei, se o livro, por exemplo, é uma obra literária, seja obra artística, ele
- 191 tem por finalidade não ser uma cópia do real mas ser uma repetição do real,
- 192 mesma coisa eu não copieie a realidade não eu quis fazer uma outra realidade e,
- 193 aí, assim o contexto está no texto, o contexto é o texto, mas quando o livro, por
- 194 exemplo, é um livro de sociologia eu sou obrigado a buscar o contexto não no
- 195 texto pois o contexto não está no texto, o contexto está fora do texto, está me
- 196 falando de uma realidade que está aqui fora e que não acontece no livro mas se
- 197 você pega um livro de Saramago a realidade está toda no livro.
- 198 *Pesquisadora* Não está nem aqui, mas eu vou perguntar. é até curiosidade mesmo, (?) o
- 199 contexto do texto do contexto, vamos dizer, o sócio-histórico, né, o nosso momento
- 200 presente. Vamos dizer?
- 201 *José* Presente nua e crua e viva.
- 202 *Pesquisadora:* Você acha que existiria diferença em que, você também comentou aqui, questão de
- 203 leitura, posso ler o livro dez vezes e ter dez compreensões diferentes sobre aquele
- 204 livro, não é o texto que vai me surpreender mas essa surpresa que possa vir a ter
- 205 com o texto e esta muito mais relacionada ao sujeito leitor por estar vivendo
- 206 momento diferente do que do próprio texto, você consegue imaginar, por exemplo,
- 207 essa relação mais direta entre o contexto, e o contexto presente e o contexto que
- 208 vocês chamam de contexto do texto. Você acha que existe uma ...
- 209 *José* Se é possível de coincidir?
- 210 *Pesquisadora* Não de coincidir mas qual seria essa relação, pra você, dos dois?
- 211 *José* Do contexto?
- 212 *Pesquisadora* Do texto e do contexto, vamos dizer, do momento que a gente vive?
- 213 *José* Ah! Eu acho assim, isso pode acontecer por conta de prerrogativas de autores
- 214 particulares, você O Homem Duplicado do José Saramago é impossível você não
- 215 confundir o contexto de sua realidade, o momento que você está vivendo, com o
- 216 contexto da realidade do livro dele, aí ele... é, assim... ele é uma pessoa especial,
- 217 então é difícil falar, porque é difícil acaba não faz... Ele consegue ser artístico no
- 218 sentido que ele consegue criar uma nova realidade, mas uma nova realidade sobre
- 219 a realidade então, assim não é real mas muito realista e não ele pega pra falar sob
- 220 (?) Do Homem Duplicado, ele não está querendo falar só sobre a clonagem e está
- 221 querendo falar também sobre a massificação, falar um pouco sobre a falta de
- 222 identidade, sobre a globalização, sobre o nívelação baixo, nívelação baixo, sobre o
- 223 fato que nós vivemos num mundo que é um deserto, está querendo aniquilar com
- 224 as diferenças ou seja não usa as diferenças como sendo algo positivo pra a raça
- 225 humana, porque isso caracteriza o Homem, a diferença, mas que por uma questão
- 226 de proteção nivelam tudo por baixo, então assim, você tem uma relação imediata
- 227 entre contexto, livro e o contexto que você está criando, agora você precisa ter uma

- 228 certa compreensão do contexto, assim você precisa estar engajado no mundo, (?)
- 229 na realidade do mundo, do que está acontecendo no momento e ter uma
- 230 compreensão, por exemplo, do Saramago e aí quando falar do livro, assim, me
- 231 surpreende, pode parecer esquisito mas quero dizer o seguinte, você fala de
- 232 repente, eu li o livro vejo algo agora que eu não via antes, né, mas você ..., mas
- 233 porque você não viu antes? Você não viu, já estava ali, você não viu antes porque
- 234 você não tinha maturidade literária pra poder compreender os códigos do livro
- 235 quando o livro você consegue ter um apêndice do livro. Existem autores que
- 236 sempre estão se revelando coisas novas, são autores dinâmicos, mas nunca essa
- 237 dinâmica e do próprio autor, (?) tem o compromisso do livro assim depois que ele
- 238 escreve você tem que esquecer ta. Picasso dizia isso, ele falou assim, Por
- 239 escrever O Guarnica detestei o Guarnica porque se eu me posicionasse Guarnica
- 240 nunca mais faria nada. Então criar é negar o criado em nome do novo, né, então
- 241 criar tem esse aspecto, assim uma coisa parece muito com a aula de eu dei sobre
- 242 sexo pros alunos não porque é verdade, diz que o sexo não é o prazer, porque, foi
- 243 o que eu falei, pra Marta na resposta (?) Se o princípio do sexo fosse o prazer o
- 244 Homem só faria sexo uma vez porque você teria, você estaria saciado, o princípio
- 245 do sexo é o desejo, porque o desejo é aquilo que você recobra quando o prazer
- 246 acaba e troca (?) e você vai querer o prazer de novo, então, assim, a postura do
- 247 escritor é um pouco isso mesmo que é... ele não está preocupado com a
- 248 consumação da obra a cons... quando ele fez já não serve mais, ele está
- 249 preocupado de que modo àquela obra vai poder retornar pra ele de outro modo e,
- 250 aí, isso cabe a quem? Ao leitor, o leitor é mais importante que o escritor.
- 251 *Pesquisadora* É ... e agora queria ...
- 252 *José* Falei demais.
- 253 *Pesquisadora* ...que você tenta definisse a leitura Assim, simples (risos) olhe a lente da
- 254 verdade (risos)
- 255 *José* Olha só, digo assim, eu não tenho problema de definir leitura, o seguinte pra mim,
- 256 ler é compreender. Pra mim, compreender não é você se colocar diante de um livro
- 257 como se fosse um outro, você e o livro, então, compreender implica em você estar
- 258 envolvido essencialmente com o objeto da sua leitura, então pra mim, ler é viver o
- 259 livro, é estar de tal modo implicado com a leitura que você está fazendo que aquilo
- 260 é fundamental pra ser aquilo que define, quem é o José? José é que agora está
- 261 lendo A Caverna de Platão. O José se confunde com aquilo ali, aquilo ali se
- 262 confunde com a existência dele, não porque ele concorda, mas ao discordar, ele já
- 263 está se colocando de modo engajado com relação à leitura. Então, assim, ler pra
- 264 mim..., então, assim, leitura é essa relação fundamental com esse objeto, parece
- 265 meio apaixonado mas não é não, tem muito que ver com o conceito de
- 266 hermenêutica.
- 267 *Pesquisadora* É?
- 268 *José* Muito, muito, muito... Tem muito. O conceito de interpretar, o que é interpretar?
- 269 Interpretar é entrar no objeto. Interpretar quando você, de fora, extrai do objeto
- 270 categorias dele. Interpretar é você entrar no objeto e vê-lo por dentro, e aí, com o
- 271 que você pode ver por dentro você entende aquilo que no objeto é mais difícil, a
- 272 superfície. Isso é exatamente aquilo que ele colhe e que é o mais difícil porque ele
- 273 não sabe o que é, enquanto ele está colhendo da realidade, os dados, ele ainda
- 274 não sabe o que ele quer.
- 275 *Pesquisadora* É mais fácil...
- 276 *José* É mais fácil, quando ele chega ao fundo, aí ele volta à superfície, aí ele entendeu o

- 277 dados com outro modo, olha só, então interpretar é ler e ler é isso. É você se
 278 integrar à coisa que você está lendo, é compreender.
 279 *Pesquisadora* Obrigada.

Entrevista: Clara

- 01 *Pesquisadora:* Queria que você tentasse me explicar com suas palavras é..., o
 02 que você entende leitura sendo descobrir o significado do texto?
 03 *Clara* (...) É parte da interpretação né? Porque você ler, ler é uma coisa,
 04 interpretar é outra. Acho que é o mais difícil é, o problema principal que
 05 hoje, nós, os educadores, estamos encontrando no primeiro segmento.
 06 Eles sabem até ler, mas por lerem mal, silabado, palavra por palavra,
 07 eles não têm assim a visão geral do texto, do significado do texto. Se é
 08 um pouco, e se é subentendido, eles têm muita dificuldade em
 09 encontrar esse significado.
 10 *Pesquisadora* Aí, depois você escolheu é... primeira opção é o ato de ler
 11 sendo uma tarefa cognitiva, receptiva e social. Queria que você
 12 tentasse me explicar como você vê essas três características, né o que
 13 é cognitiva pra você, receptiva e social.
 14 *Clara* Cognitiva por ela leva assim alguma é.. à parte de conteúdo.
 15 Aí você aproveita para ensinar, né... a gramática. A área cognitiva
 16 mesmo. O assunto, o conteúdo que você está dando. Receptiva e
 17 social é que você tem que trabalhar com uma leitura que esteja dentro
 18 do interesse do aluno, não é? Uma leitura que esteja relacionada à
 19 faixa etária, à vivência dele, para que haja uma interação. Eu entendo
 20 assim.
 21 *Pesquisadora* Vou te pedir que faça a mesma coisa, me explicasse, já você
 22 acredita, que a leitura é uma prática ativa, tentasse me explicar esse
 23 conceito de dinâmica conjunto tentando opor esses dois conceitos ao
 24 silencioso individual.
 25 *Clara* Dinâmica conjunta
 26 *Pesquisadora* Por ser por exemplos.
 27 *Clara* Por exemplo sim, porque aqui eu faço quando a gente faz uma
 28 leitura em grupo é... deixando que cada aluno coloque a sua opinião,
 29 às vezes há até algumas divergências. A coisa mais viva, mais
 30 construtiva, até julgando uma construção de texto. Quando eu quero
 31 uma construção, aí que faço leitura em conjunto. Que não é uma
 32 leitura apática, só pra mim acabou. Vou lá e corrijo. Não. Ele ...pode
 33 até individualmente... quando eles se juntam, fazem um grupo né...
 34 cada um coloca que eles respondem até correto mas de várias formas.
 35 Isso ajuda muito o aluno a organizar seu pensamento. Tá?
 36 *Pesquisadora* Queria que você tentasse também fazer uma ponte pra mim,
 37 porque quando você estava lendo, você mais de uma vez - naquele
 38 trequinho que trouxe pra você - você trouxe a questão do contexto
 39 assim pra sua leitura. Primeiro, ligou alguma coisa relacionado à
 40 educação, não foi? Depois você viu os animais, mudou. Aí viu que,
 41 bom, não era bem sobre educação, era sobre outra coisa.
 42 *Clara* Aqui atrás?

- 43 *Pesquisadora* É. Quer dizer, na sua marcação daqui de cima, você eliminou a
 44 possibilidade que teria o contexto mais explicitamente colocado. Aqui,
 45 você conseguiria dizer
- 46 *Clara* Não entendi.
- 47 *Pesquisadora* Assim..., na sua própria leitura, você trouxe o contexto pra
 48 questão, né? Você mencionou o contexto, quer dizer, talvez ser
 49 professora, né, aqui dentro da sala de aula.... você levantou a questão
 50 da educação, né, e depois quando viu a foto, você percebeu que não
 51 era sobre educação. Aí você teve que refazer sua leitura e tal. Mas
 52 aqui, quando te perguntei o que era ler, você eliminou é... uma
 53 possibilidade que o contexto está mais explícito - porque eu botei ali
 54 interação do autor, leitor e contexto. Você só marcou a que tem que
 55 descobrir o significado do texto. Como é que você vê a diferença?
- 56 *Clara* Sim, a correta seria essa?
- 57 *Pesquisadora* Não tem correta. É só uma coisa que eu percebi quer dizer que
 58 na leitura, aconteceu na sua leitura, mas que não estava marcado.
 59 Assim, pra mim no.....
- 60 *Clara* Nessa aqui?
- 61 *Pesquisadora* Nessa aqui. Aqui você já colocou de novo o contexto. Tá
 62 vendo?
- 63 *Clara* Tá..Tá. Está até apagadinha. Hum-hum...Não sei. Fiquei ...Eu
 64 acho que essa aqui seria mais completa.
- 65 *Pesquisadora* Por quê?
- 66 *Clara* Porque se leva você ver quando eu fiz aquele que você falou a leitura.
 67 Tudo parte da premissa da educação que se o povo é bem educado
 68 que é que vai acontecer né... realmente a educação é a base de tudo.
 69 Através da leitura é que você vai conscientizar o povo, conscientizar a
 70 clientela, o que se deve fazer em relação ao meio ambiente. Somos
 71 nós mesmos né.. os educadores, viventes, vivemos em sociedade é
 72 que devemos ter consciência de que o meio ambiente é o fator
 73 principal para nossa sobrevivência. Não é isso? Então aqui eu até...
- 74 *Pesquisadora* Você agora alteraria?
- 75 *Clara* Alteraria.
- 76 *Pesquisadora* Se desse hoje o questionário para responder você mudaria?
 77 Alteraria?
- 78 *Clara* Alteraria., Mudaria.
- 79 *Pesquisadora* Agora ficou mais coerente com o que você respondeu?
- 80 *Clara* Mais coerente com o que eu respondi.
- 81 *Pesquisadora* Ta, eu queria agora, este questionário acabou. Queria agora
 82 que você me falasse um pouquinho de sua história.
- 83 *Clara* Minha história?
- 84 *Pesquisadora* Como professora.
- 85 *Clara* Como professora?
- 86 *Pesquisadora* O que te levou... que caminhos você percorreu pra chegar aqui
 87 hoje?
- 88 *Clara* É eu acho que, em primeiro lugar, desde pequena, eu tinha
 89 uma, eu tinha vontade, tanto é que eu não trabalhei em nenhum outro
 90 setor. Eu quando assim era mais jovem, quando fazia o segundo grau.
 91 Começando, eu comecei a fazer o científico, o antigo científico, e eu

92 montei uma escolinha na minha casa, porque queria começar a ficar
 93 independente, aí eu me identifiquei muito com aquilo. Então quando fui
 94 para o segundo ano eu vi que o científico não tinha nada a ver comigo,
 95 foi aí quando eu fiz um concurso e peguei, voltei e fiz o primeiro ano
 96 normal, ta? E eu me encaixei naquilo ali, eu realmente me identifiquei.
 97 Vamos dizer assim. Dali dei aula em duas escolas particulares porque
 98 na época não havia concurso. Acabei o normal aí no primeiro concurso
 99 que houve eu fiz para o Município, tanto é que eu já sou aposentada
 100 né.. tive direito à aposentadoria por idade, porque fiquei sempre em
 101 turma, nunca saí de turma, ta? Meu primeiro emprego foi na Escola
 102 Nicarágua, fiquei lá 17 anos, depois veio o momento das 40 horas, aí
 103 eu fui para o CIEP, sai com muita pena da Nicarágua. Aí fui pra outra
 104 escola também CIEP. Aí vim, pulei dois CIEPs - até por violência
 105 urbana e dá mais acesso - pra mim, até que vim cair nesse, completei
 106 aqui os meus...

107 *Pesquisadora* Quanto tempo já?

108 *Clara* Já tenho 28 anos de sala de aula. Aí nesse ínterim eu fiz a
 109 faculdade de História né. Aí, no primeiro momento, eu me interessei
 110 pela 5ª. e 8ª. Série. Fiz concurso para o Estado, quando saiu o
 111 concurso. Fui para Nova Iguaçu. De lá me transferi pra cá. E hoje eu
 112 leciono da 5ª. `8ª.. Mas o que tenho para resumir pra você é eu não
 113 saberia fazer outra coisa, porque eu nunca fiz outra coisa. Quer dizer,
 114 foi uma identificação mesmo. Eu comecei nisso e estou acabando
 115 nisso, em sala de aula, que é a minha praia. Sendo que na outra escola
 116 já estou como coordenadora né? Mas trabalho, a coordenação, tu
 117 sabes, que a coordenação continua a trabalhar, envolvida com alunos
 118 e os docentes, então estou no mesmo contexto.

119 *Pesquisadora* Queria que falasse um pouquinho da questão leitura pra você,
 120 se faz parte do seu dia a dia. Se faz parte, como e em que situação a
 121 leitura faz parte?

122 *Clara* Se eu leio?

123 *Pesquisadora* Isso.

124 *Clara* Com certeza, inclusive agora pra o Estado, nós estamos
 125 fazendo um cursinho de, um curso oferecido pela UFRJ... não pela
 126 UERJ, e nós estamos fazendo um cursinho que requer muita leitura,
 127 muito mesmo, só que é em módulos. Então tenho que ler
 128 constantemente pra levar o trabalho, né, sobre isso. Uma pesquisa-
 129 ação sobre o que eu faço no Estado, né? Sobre Projeto Político
 130 Pedagógico da Escola. Então estou lendo muito. Aí, estou até com
 131 minhas apostilas aqui. Agora também não esqueço da minha, né, do
 132 meu outro lado. Atualmente estou lendo é ...os Problemas Políticos e
 133 Econômicos Brasileiros de Caio Prado Junior (Problemas Político e
 134 Econômico Brasileiro). Gosto muito de ler em relação à minha matéria.
 135 É, no momento é isso aí. Dou uma paradinha num e vou pro outro. Eu
 136 levo meus alunos a lerem bastante jornal, trabalho muito com notícias
 137 no jornal para eles lerem e produzirem um texto. Um grupo dando a
 138 sua opinião, criticando em relação às notícias que lêem no jornal e levo
 139 eles muito a isso aí eu trabalho à tarde leio muito jornal.

140 *Pesquisadora* Queria que você resumisse, com suas palavras ou uma frase

- 41 diferente do que a pessoa leu, então, assim o texto, tem a leitura tem isso, se você
 42 viajar mesmo com o que você sabe, com a sua bagagem né, porque é isso,
 43 diferente cada pessoa com contato que tem com essa leitura, o contato que tem
 44 com esse contexto. Visão diferente da outra, então por isso que eu botei essa
 45 interação do leitor, do autor e do contexto.
- 46 *Pesquisadora* Como seria essa interação assim, como leitor de quem está lendo, desculpe, com o
 47 autor do texto?
- 48 *Joana* A gente faz essa interação o tempo todo com eles. Onde cada um tem a sua visão
 49 e eu vou interagindo em cima do texto, assim não dá pra voltar pelo autor, mas com
 50 o texto, com as crianças. Foi isso, na hora, que eu pensei.
- 51 *Pesquisadora* O ato de ler é uma tarefa cognitiva, receptiva e social. Eu queria que você tentasse
 52 explicar essas definições.
- 53 *Joana* Cognitiva porque você tem que estar com ...na realidade o que acontece muito
 54 aqui, né...eu tinha essa noção que as crianças não estavam preparadas para
 55 alguns textos, então, estava diferente da faixa etária deles, né? Na verdade, eles
 56 não poderiam receber alguns textos que receberam. 52 estórias é um texto que é
 57 reescrito com alguns trechos de antigamente. Então, assim, não dava para mandar
 58 para casa. Então, tem que ter o cognitivo, que tem que estar junto desta faixa etária
 59 mesmo. Receptivo e social...vamos dizer assim...agora fugiu.
- 60 *Pesquisadora* Mesmo que não seja com definição, em exemplo. O que é que seria? Por que é que
 61 ler seria uma tarefa receptiva, né? Em que sentido ela pode ser receptiva?
- 62 *Joana* De receber. De ter o volume de várias, ter contato com vários textos diferentes e
 63 social porque quando você tem um texto informativo...quando você vai tendo,
 64 assimilando o seu grau de conhecimento. É por isso que eu...
- 65 *Pesquisadora* Depois, na tarefa de ler, você marcou a opção centrada na interação leitor/autor.
- 66 *Joana* É... Letra a...interação leitor e autor, né?
- 67 *Pesquisadora* É...Qual é o papel do texto dentro dessa visão de leitura de tarefa de ler e do
 68 contexto. Como você acha que fica o próprio texto, como é que você acha que o
 69 contexto quer dizer o contexto interfere não interfere?
- 70 *Joana* Assim, como?
- 71 *Pesquisadora* Você acha que as crianças em contato com o texto, se isso,,
 72 Primeiro queria que você pensasse, você falou que é interação leitor e autor, então
 73 queria que você tentasse me falar qual é a função do texto nessa interação entre
 74 quem está lendo e quem escreveu, né, esse texto. Qual é o papel dele mesmo
 75 nessa interação entre duas pessoas?
 76 (Parte da transcrição foi perdida)
- 77 *Pesquisadora* De novo, voltando lá naquela questão do texto interação leitor e autor, aí, eu
 78 perguntei qual é o papel do texto nessa interação, de quem está e de quem
 79 escreveu, né? Ai você ia explicar... você ia falar do autor e a gente foi...
- 80 *Joana* Não porque o autor na realidade ele escreve e a gente que lê acaba interagindo
 81 assim ou compartilhando com quem está lendo com você, que é o caso que faço
 82 muito com as crianças, mas não tem essa volta pro leitor né? Escreve, tem a visão
 83 deles mas, assim, nós que somos leitores temos, conseguido interagir nesse texto
 84 com as crianças, no caso eu, né, mas e voltar pro leitor.
- 85 *Pesquisadora* E no contexto assim você acha que ele influencia ou não? Ele tem algum papel na
 86 leitura?
- 87 *Joana* Tem sim... Tem porque assim, né, na questão da informação, num texto político
 88 entra assim quanto mais você tem noção, você tem contato com esses textos cada
 89 vez mais você vai abrir a mente pra a informação, então, mas faz você refletir, faz

- 90 você voltar, enfim ter uma visão diferente daquela que você já tinha ou até mesmo
- 91 aprimorar os que você já tinha, acho que o contexto.
- 92 *Pesquisadora* Vai influenciar?
- 93 *Joana* Vai influenciar.....

Anexo 7

| No. | Ler é... | A leitura é tarefa... | Prática.... | Compreensão... |
|-----|----------|-----------------------|-------------|----------------|
| 1 | | X | X | X |
| 2 | | X | X | X |
| 3 | X | X | X | X |
| 4 | | X | X | X |
| 5 | X | | X | X |
| 6 | | X | X | X |
| 7 | | X | X | X |
| 8 | | X | X | X |
| 9 | X | | X | X |
| 10 | | X | X | X |
| 11 | | X | X | X |
| 12 | | X | X | X |
| 13 | | X | X | X |
| 14 | | X | X | X |
| 15 | X | | X | X |
| 16 | | X | X | X |
| 17 | X | | X | X |
| 18 | X | | X | X |
| 19 | X | | X | X |
| 20 | | X | X | X |
| 21 | | X | X | X |
| 22 | | X | X | X |
| 23 | | X | X | X |
| 24 | | X | X | X |
| 25 | | X | X | X |
| 26 | | X | X | X |
| 27 | | X | X | X |
| 28 | X | | X | X |
| 29 | | X | X | X |
| 30 | X | | X | X |
| 31 | X | | X | X |
| 32 | | X | X | X |
| 33 | | X | X | X |
| 34 | X | | X | X |
| 35 | | X | X | X |
| 36 | X | | X | X |
| 37 | X | | X | X |
| 38 | X | | X | X |
| 39 | | X | X | X |
| 40 | | X | X | X |
| 41 | | X | X | X |
| 42 | | X | X | X |
| 43 | X | | X | X |
| 44 | | X | X | X |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 45 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 46 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 47 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 48 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 49 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 50 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 51 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 52 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 53 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 54 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 55 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 56 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 57 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 58 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 59 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 60 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| 61 | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |

ANEXO 8



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Leitura e Crenças – Como os professores de hoje entendem o processo de leitura?

Orientanda: Marcia Oliveira Maciel Lopes

Orientadora: Profa. Tânia Mara Gastão Saliés, Ph.D

2ª. Fase da Pesquisa: Protocolo Falado

1) O título

O grito dos excluídos

2) As imagens



3) O gráfico

| AMEAÇADAS | |
|---|------------|
| Número de espécies em perigo que ficaram fora das unidades de conservação | |
| Espécies | |
| Em estado crítico | 300 |
| Ameaçadas | 237 |
| Vulneráveis | 267 |
| TOTAL | 804 |

4) O corpo do texto

Uma pesquisa divulgada recentemente apontou uma nova categoria de animais que inspiram cuidados dos ambientalistas: são os excluídos. Em artigo publicado na semana passada pela revista científica *Nature*, o zoólogo mineiro Gustavo Fonseca, vice-presidente da organização ambientalista Conservation International, calcula que aproximadamente 12% das espécies ameaçadas no planeta ficaram de fora das unidades de conservação. Desses animais que estão ao léu, cerca de 6% vivem no Brasil. Suas